

17 de Agosto 2021
Terça-feira
Semanário - Ano 6
Nº 272
Director-Geral
Evaristo Mulaza



RESULTADOS EM DOIS ANOS

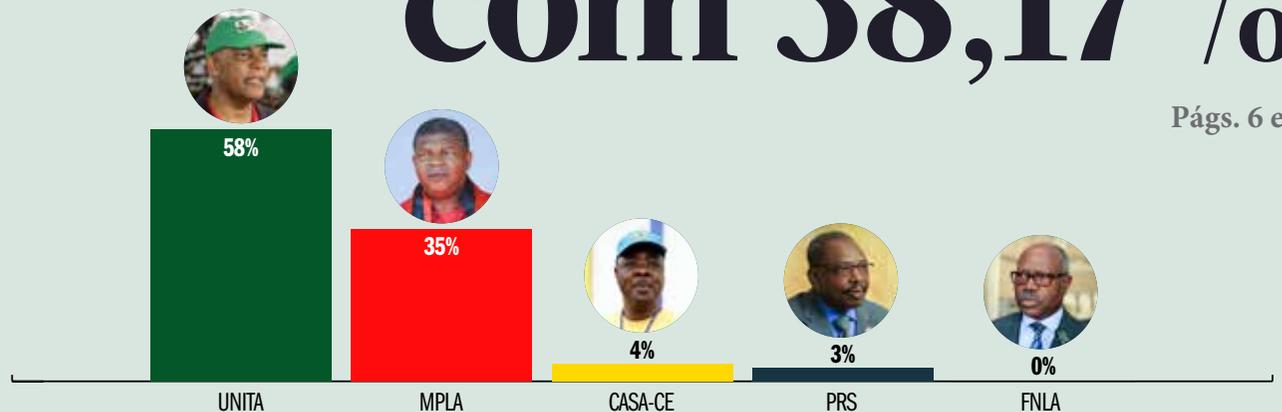
PIIM. 80% das vias de acesso em Luanda nunca foram mexidas

INFRA-ESTRUTURAS. PIIM previu para Luanda mais de 122 mil milhões de kwanzas, 45 mil milhões dos quais para as vias de comunicação, compreendendo 35 projectos. Até ao momento, apenas sete foram intervencionados. Mas não só: há orçamentos replicados em alguns municípios. Pág. 4

INQUÉRITO ANGOBARÓMETRO

UNITA lidera intenções de voto com 58,17%

Págs. 6 e 7



PETRÓLEO

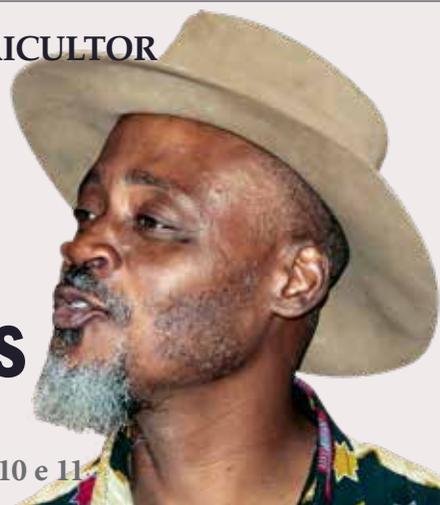
Angola com a maior queda em Julho entre os membros da OPEP

Pág. 5

ORLANDO DOS SANTOS, AGRICULTOR

“Nós que estamos no terreno estamos a ver nuvens”

Págs. 10 e 11



PLANIFICAÇÃO

Biblioteca presidencial outra vez fora do Orçamento

Pág. 9

Editorial

JLO TODO-PODEROSO

É das revelações mais poderosas da obsessão do novo poder pelo controlo de todo o poder. É uma demonstração de força que só encontra paralelo na deslenização russa, sob o comando de Stalin, ou na desestalinização russa, sob a égide de Khrushchov. Em menos de dois anos, João Lourenço consegue apagar os presidentes dos dois principais tribunais no país. E fá-lo numa altura em que, no caso do Tribunal Constitucional, se colocam dois processos com impacto decisivo na agenda imediata da competição política. O Tribunal Constitucional terá a última palavra relativamente ao manhoso processo de impugnação da eleição de Adalberto Costa Júnior no congresso da Unita. E, como conclui o inquérito da AngoBarómetro que trazemos esta semana, Adalberto Costa Júnior não é apenas uma ameaça real ao cadeirão de João Lourenço. É o mais sério candidato à vitória na batalha prevista para o próximo ano, até ao momento. E, como se sabe, será também o Constitucional a ser revestido de tribunal eleitoral, em caso de conflitos que decorram do processo eleitoral.

Mas não é apenas isso. Pelo Tribunal Supremo e pelo Constitucional, este último, em caso de recursos extraordinários de inconstitucionalidade, passam os principais processos que visam os alvos a abater, no alegado projecto de combate à corrupção e à

impunidade. Contas feitas, com a saída dos desalinados Rui Ferreira e Manuel Aragão, João Lourenço assegura o controlo total de todas as instituições nevrálgicas que decidem a justiça. Quer para combater eventuais inimigos externos, como é o caso das ameaças reais da oposição. Quer para combater os achados inimigos internos, como são alguns dos nomes visados em processos na justiça.

A nova crise de confiança instalada na justiça está, portanto, muito além do debate técnico-jurídico. Não se trata de interpretações antagónicas quanto aos limites do Constitucional no exercício da fiscalização preventiva do texto constitucional. Muito menos é a expressão da independência dos poderes. No sentido mais político, também não está em causa uma simples guerra geracional. O que está em questão é muito mais profundo e perturbador. É um passo decisivo no sentido da consolidação do poder unipessoal de quem governa. É a reafirmação da interminável instrumentalização das

instituições, pelo objectivo único da preservação do poder. Afinal, não é por mera casualidade que as instituições-chave do Estado se mantêm erguidas pelo paradigma partidário e a revisão constitucional sequer cheirou o tema. Em autocracias disfarçadas de projectos de democracia, a partidização do Estado é a forma mais eficaz para se contornar os formalismos de separação dos poderes. Tão simples quanto isso: se o Presidente não pode tomar as decisões que lhe interessam nos tribunais, toma-as pelo Presidente quem estiver nos tribunais. Se o Presidente não pode instruir os processos que lhe interessam na PGR, instrui-os pelo Presidente quem estiver na Procuradoria. Para os respondões com cargos constitucionalmente estáveis, aponta-se o inexorável caminho da rua. Como? Criando-se a pressão necessária para desistirem pelo próprio punho. Enfim, o que vamos assistindo hoje não é outra coisa, é apenas a consagração derradeira de um novo todo-poderoso.



Mário Mujetes © VE



FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira
Redacção: Edno Pimentel, Emídio Fernando, Isabel Dinis, Guilherme Francisco, Júlio Gomes e Suely de Melo
Fotografia: Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuessa
Secretária de redacção: Rosa Ngola
Paginação: Edvandro Malungo e João Vumbi

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló
Colaboradores: Cândido Mendes, EY, Mário Paiva e Pedro Narciso
Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 00 N° de Registo do MCS: 765/B/15
GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente da Administração: Geovana Fernandes
Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial: Geovana Fernandes
Tel.: +244941784790-(1)-(2)
N° de Contribuinte: 5401180721
N° de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

Endereço: Avenida Hoji-Ya-Henda, 127, Marçal, Luanda-Angola;
222 320511 Fax: 222 320514
E-mail: administracao@gem.co.ao;
comercial@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



MAURÍCIO MUNENE,
assistente financeiro do OEA

Como o Observatório Eleitoral Angolano avalia a actual situação económica e social do país?

Vemos que o quadro está mal, muito mal mesmo. Digo isso, porque o bem-estar económico é medido pelo bem-estar das famílias e, sobretudo, pelo poder de compra que estas possuem.

E no plano do emprego?

Se os preços sobem descontroladamente, os cartéis controlam o mercado de bens da cesta básica e o mercado do trabalho desemprega, ao invés de empregar. É difícil concluir que estamos num bom país.

O que sugere para se inverter esse quadro?

Esforços devem continuar a ser feitos para se mitigar esta situação. Isso passa por empoderar a pequena agricultura familiar e pela reparação das vias inter-provinciais e intra-municipais. Portanto, deve estimular-se a produção, ao mesmo tempo que se deve pensar numa fluida circulação entre o campo e os centros urbanos, que são os maiores consumidores destes produtos dos camponeses.

10

TERÇA - FEIRA

O Caminho-de-Ferro de Luanda denuncia o furto de 400 parafusos da linha férrea, na estação do Cassualala, ramal do Dondo, no Kwanza-Norte, o que impede a circulação de comboios.

11

QUARTA - FEIRA

O Porto de Luanda lança um concurso internacional para a concessão, por 10 anos, da exploração dos terminais marítimos de passageiros do Kapossoca, Mussulo, Museu da Escravidão e Macôco.



SEGUNDA-FEIRA

A Sonangol adjudica à OECI – Odebrecht Engenharia e Construção Internacional a construção do terminal oceânico da barra do Dande, com o valor global de 547,8 milhões de dólares.

12

QUINTA - FEIRA

O presidente do Tribunal Constitucional, Manuel Aragão, manifesta ao Presidente João Lourenço o desejo de cessar as funções. Segundo uma nota da Casa Civil do chefe de Estado, o pedido foi aceite.



13

SEXTA - FEIRA

O Instituto Nacional de Estatística anuncia que a taxa de desemprego aumentou para 31,6%, no segundo trimestre de 2021, fixando-se em mais 1,1 pp, face ao trimestre anterior.



14

SÁBADO

O director-geral do Instituto Regulador de Derivados de Petróleo, Albino Ferreira, revela que Angola tem actualmente 893 postos de abastecimento que asseguram a armazenagem e comercialização de combustível, em todo o país.



15

DOMINGO

Os camionistas que fazem o percurso Luanda/Cabinda, passando pelo território da República Democrática do Congo, manifestam descontentamento pelas constantes faltas de combustível nos postos de atendimento de alguns municípios do Zaire.



COTAÇÃO



PETRÓLEO EM QUEDA...

O petróleo começou a terça-feira, a recuar quase 1% depois de no dia anterior fechar com baixa de mais de 3%. O Brent, referência às exportações angolanas, abriu nos 69,69 dólares, após registo de queda de 1,5% na sessão anterior. Já o WTI iniciou a negociar a 67,23 dólares, depois de cair 1,7% na segunda-feira.



ACÇÕES CHINESAS CAEM...

As acções chinesas tiveram a maior queda em três semanas nesta terça-feira influenciadas pelas novas regras de controlo do sector tecnológico com o objectivo de combater a concorrência desleal. O índice CSI300, que agrega as maiores companhias de Xangai e Shenzhen, caiu 2,1%, enquanto o índice de Xangai teve queda de 2%.

Economia/Política

DOS 35 PROJECTOS 28 ESTÃO PARALISADOS

80% das vias do PIIM em Luanda nunca foram mexidas

INFRA-ESTRUTURAS. PIIM previu para Luanda mais de 122 mil milhões de kwanzas, 45 mil milhões dos quais para as vias de comunicação, compreendendo 35 projectos. Destes 28, o equivalente a 80%, nem sequer foram mexidos. Mas não só: há orçamentos replicados em alguns municípios.

Por Pedro Nvakata

Pouco mais de dois anos após o lançamento do Programa Integrado de Intervenção nos Municípios (PIIM), em Junho de 2019, os resultados em Luanda mantêm-se muito aquém da meta, particularmente em relação aos projectos de reabilitação de estradas.

O *Valor Económico* efectuou uma ronda em sete dos nove municípios de Luanda para confirmar o andamento das obras das vias de acesso, mas o que mais se destacam são projectos paralisados e alguns, poucos, com intervenções ligeiras. Mas não é apenas isso. No documento em que se define a distribuição orçamental por tipo de intervenção, é possível verificarem-se orçamentos duplicados, ou seja, a mesma obra prevista em orçamentos de dois municípios diferentes. São os casos da via do Pisca e do rio Ravuna, ambas no bairro Popular. O primeiro projecto aparece orçamentado em 181,9 milhões de kwanzas no município de Luanda e em 214,2 milhões de kwanzas no município do Kilamba Kiaxi. Já o rio Ravuna está orçado em



Distribuição orçamental para as vias da província de Luanda		
Município	Total de vias	Orçamento
Cazenga	5	13 718 701 811,01
Luanda	14	4 230 824 992,63
Kilamba Kiaxi	4	1 700 198 565,19
Cacuaco	3	3 021 897 198,03
Quiçama	-----	704 207 585,00
Talatona	3	5 262 708 564,25
Viana	4	8 605 469 496,98
Belas	2	7 902 167 044,49
Total	45	146 175 262,58

201,4 milhões de kwanzas, no Kilamba Kiaxi, e replicado em 171,2 milhões de kwanzas na programação do município de Luanda. Estes dois projectos são, aliás, os únicos que se encontram em execução nos dois municípios. No caso de Luanda, que reclama um orçamento global de 4,2 mil milhões de kwanzas para as estradas, das 14 vias previstas (incluindo as duas replicadas no Kilamba Kiaxi), apenas uma está completamente concluída, no caso, a Ngola Mbandi, no bairro Popular. As demais 11 nunca foram, sequer, mexidas.

No Kilamba Kiaxi, em que foram contratadas as construtoras Griner e MAC com uma cabimentação de 1,7 mil milhões de kwanzas para as estradas, excluindo as duas vias contabilizadas também por Luanda, nenhuma das restantes quatro está em andamento. Situação semelhante de total paralisação verifica-se no município de Cacuaco, cujas obras (três no total) foram avaliadas em 3,02 mil milhões de kwanzas.

Com cinco vias planificadas em 13,7 mil milhões de kwanzas, de longe o orçamento mais 'esticado', o Cazenga tem dois projectos completamente reabilitados, no caso, a rua da 7.ª Avenida e a estrada adjacente à via expressa Belo Monte – Papá Simão, que liga este município a Cacuaco. As ruas do Porto Santo e da Terra Vermelha, também planificadas, mantêm-se na estaca zero, ao passo que a via da Conduta de Cima foi ligeiramente mexida.

Para o município de Viana, foram alocados 8,6 mil milhões de kwanzas, contemplando quatro vias, mas, até ao momento, apenas uma foi terraplanada. As outras três ainda não registaram qualquer intervenção, sendo as ruas da Suave e da Ponte Partida as que exibem maiores níveis de degradação.

Com 5,2 mil milhões de kwanzas planificados, para três vias, o município de Talatona regista intervenção apenas na via que liga o bairro Calemba 2 à Avenida Pedro de Castro Van-Dúnen Loy. As outras duas continuam paralisadas. Cenário semelhante é verificado no município de Belas. Aqui, apenas duas vias (ruas do Sossego e da Salina) reclamam 7,9 mil milhões de kwanzas, mas tudo se mantém parado. Quanto ao município da Quiçama, está prevista apenas a disponibilização de recursos para a aquisição de kit de terraplanagem, num total de 704,2 milhões de kwanzas.

FALTA DE PAGAMENTOS EXPLICA ATRASO

Fontes ligadas às empresas MAC Engenharia e Griner Engenharia, construtoras contratadas para darem seguimento às empreitadas paralisadas no Kilamba Kiaxi e em Luanda, apontam “os sucessivos atrasos nos pagamentos” como a razão da paralisação das obras. “Muitas empresas se recusam a dar seguimento aos trabalhos por incumprimento dos pagamentos por parte do Governo Provincial de Luanda”, precisam as fontes, acrescentando que o cenário dos atrasos tentou ser atenuado pela ex-governadora Joana Lina. “No entanto, após este período, nada mais se fez”, explicam.

Fonte do Governo de Luanda reconhece a falta de pagamentos às empresas e confirma serem precisamente as dívidas a origem de todos os atrasos. “Sempre que temos uma empreitada parada é porque as dívidas ainda não foram pagas”, precisa, ao mesmo tempo que afirma não perceber o motivo da existência de orçamentos duplicados, admitindo tratar-se, entretanto, de “problemas de distribuição por parte dos municípios”.

OS DEPUTADOS à Assembleia Nacional aprovaram, na terça-feira, 10 de Agosto, o Projecto de Resolução sobre a apreciação do Relatório de Execução do Orçamento Geral do Estado referente ao I Trimestre de 2021, com 130 votos a favor, 38 contra e nenhuma abstenção.

A MAIS BAIXA DESDE A ADESÃO AO CARTEL EM 2008

Angola com maior queda na produção da OPEP

PETRÓLEO. Angola produziu cerca de menos 38 mil barris/dia, fixando a produção em 1,078 milhões barris/dia, a mais baixa de Julho desde 2008. Tendência coloca produção abaixo de um milhão de barris/dia ainda este ano, contrariando previsões da consultora Fitch Solutions

Por César Silveira



Venezuela, Guiné Equatorial e Congo são os outros três que registaram quedas na produção em Julho.

A produção de Angola em Julho desde 2008: Milhões barris/dia



Apenas quatro países, entre os 13 membros da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP), registaram queda na produção, em Julho face a Junho, e a maior variação negativa registou-se na produção de Angola, com menos 38 mil barris.

Com esta queda, a produção média diária de Angola fixou-se em 1,078 milhões de barris, a mais baixa de Julho, desde a entrada de Angola na Opep, 2008, quando produziu 1,406 milhões e barris/dia.

No ano seguinte, ou seja, 2009, atingiu-se a maior produção registada até agora no sétimo mês do ano: 1,821 milhões. Já os anos de 2019 e 2020 registam a segunda e ter-

ceira mais baixas produções com 1,395 e 1,173 milhões de barris/dia, respectivamente.

Os números dos últimos anos confirmam a tendência decrescente que se vem registando e que, segundo estimativas da Agência Nacional de Petróleo e Gás, apenas deve ser invertida entre 2022 e 2023.

A manter-se o nível de variação deste último mês, a produção do país poderá cair para menos de um milhão de barris/dia até ao final do ano, antecipando a previsão da consultora Fitch Solutions que, no princípio deste ano, estimou que Angola produziria menos de um milhão de barris, mas

apenas em 2029.

“Na ausência de novos projetos e num ambiente de investimentos de alto risco, antecipamos que a produção caia para menos de um milhão de barris por dia em 2029”, escreveram os consultores numa análise ao sector petrolífero angolano.

VENEZUELA, O SEGUNDO QUE MENOS PRODUZIU

A Venezuela, por seu turno, registou, no período em análise, a segunda maior variação negativa, ao produzir menos 26 mil barris/dia contra os 537 barris/dia registados em Junho.

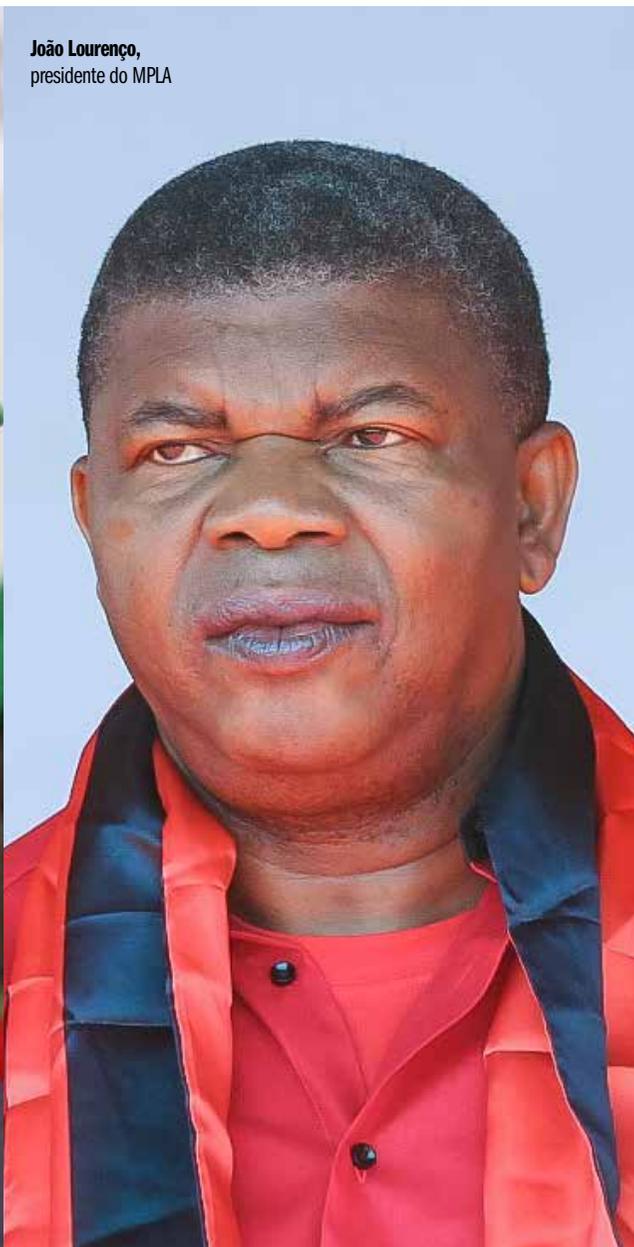
A Guiné Equatorial e o Congo encerram a lista dos membros da OPEP que registaram redução na produção com menos oito e três mil barris, respectivamente.

No vértice oposto, estão a Arábia Saudita, que produziu mais 497 mil barris/dia, seguindo-se o Iraque e a Nigéria, com mais 56 e 45 mil barris/dia, respectivamente. No global, a produção total da OPEP registou uma média de 26,66 milhões de barris/dia em Julho de 2021, superior em 64 mil barris/dia.

Economia/Política



Adalberto Costa Júnior,
presidente da Unita



João Lourenço,
presidente do MPLA



Manuel Fernandes,
líder da coligação Casa-CE

INQUÉRITO DE AGOSTO DA ANGOBARÓMETRO

UNITA lidera intenções de voto com 58,17%

SONDAGEM. Pesquisadores explicam avanço do maior partido na oposição com a política económica e social do Governo considerada “desastrosa” e rejeitada por 81% dos inqueridos. Histórica FNLA é afastada da Assembleia Nacional e Casa-CE é “gravemente” penalizada pela perda das suas “figuras emblemáticas”.

Por Redacção

A

um ano do prazo formal das eleições, a Unita de Adalberto Costa Júnior lidera largamente as intenções de voto, com 23 pontos percentuais à frente do seu principal rival, o MPLA.

Um inquérito da AngoBarómetro, empresa especializada em sondagens e estudos de opinião com sede na Alemanha, conclui que o maior partido na oposição conta com a preferência de 58,17% dos eleitores, contra os 35,17% do MPLA de João Lourenço, resultados que “reflectem a percepção dos inqueridos quanto à alternância política em 2022”. Em terceiro lugar, posiciona-se a Casa-CE de Manuel Fernandes com 3,56%,

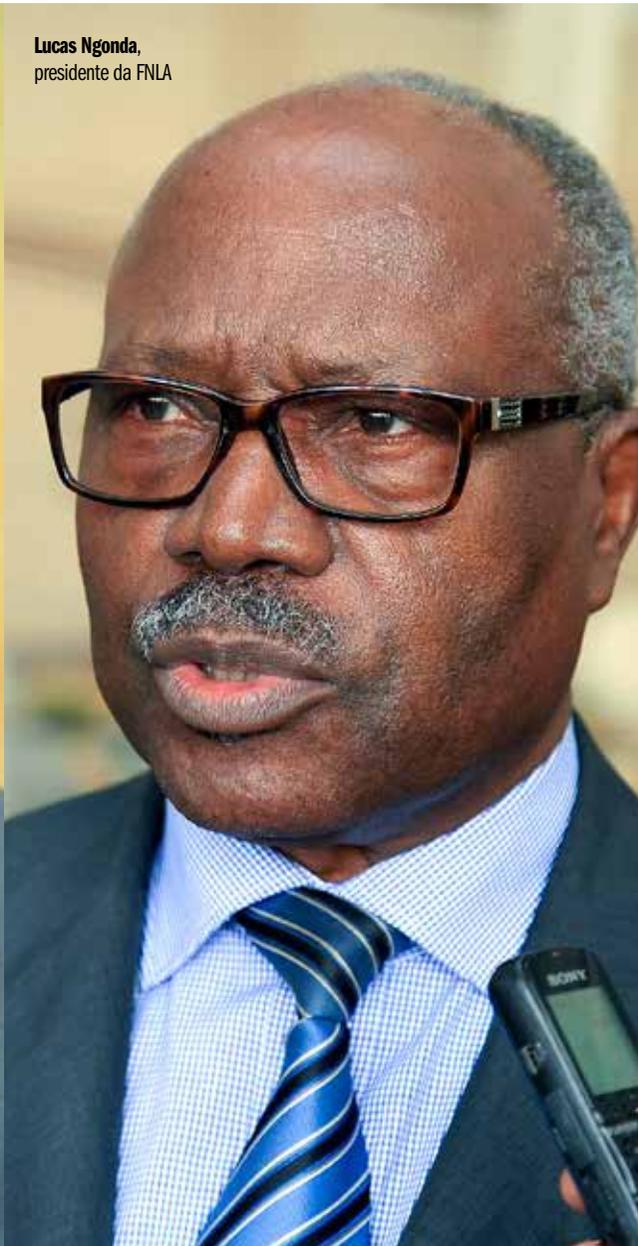
muito próximos dos 3,1% do PRS. Já a FNLA, que tem à testa Lucas Ngonda, não tem o apoio mínimo suficiente para se manter na Assembleia Nacional, quadro justificado com “a crise permanente que assola esta agremiação”.

Os novos resultados apurados entre 1 e 9 de Agosto, num universo de 1.632 inqueridos, concretizam um avanço da Unita de oito pontos percentuais, face aos dados do inquérito de Feve-

A SECRETÁRIA DE ESTADO da Administração do Território e coordenadora do Grupo Técnico de Acompanhamento ao PIIM, Laurinda Cardoso, referiu que os 1.749 projectos estão elegíveis, significando que atingiram o grau de maturação exigido para serem executados.



Benedito Daniel,
presidente do PRS.



Lucas Ngonda,
presidente da FNLA

Constituição, 27 de Maio e lideranças

Em Junho deste ano, a AngoBarómetro divulgou outro inquérito que concluiu que pelo menos 67% dos inqueridos, de um total de 1.034, rejeitaram o pedido de desculpas públicas pelas vítimas do 27 de Maio de 1977, apresentado pelo Presidente da República, em nome do Estado. Segundo o levantamento, a rejeição devia-se ao facto de João Lourenço ter ocultado os culpados dos crimes, ao passo que 26,60% chegou a considerar a declaração do Presidente da República “sincera e oportuna”.

A empresa já apresentou também um levantamento sobre a “revisão pontual da Constituição”, reprovada por 60% dos angolanos, e outra sobre a popularidade das lideranças políticas que colocou Adalberto Costa Júnior à frente com 40% das preferências, seguido de João Lourenço (38%) e Abel Chivukuvuku com 17%.

A AngoBarómetro foi lançada em Janeiro deste ano por Lukonde Luansi e Orlando Ferraz, dois especialistas angolanos formados em Ciências Sociais e Políticas na Alemanha.

67

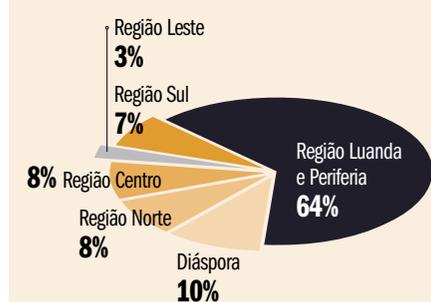
Taxa de rejeição das desculpas públicas pelas vítimas do 27 de Maio

60

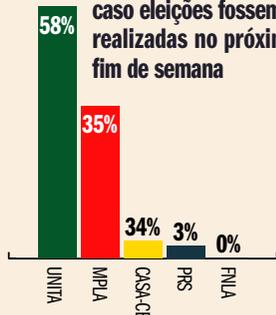
Porcentagem de angolanos que reprovaram a revisão pontual da Constituição

A estrutura do inquérito

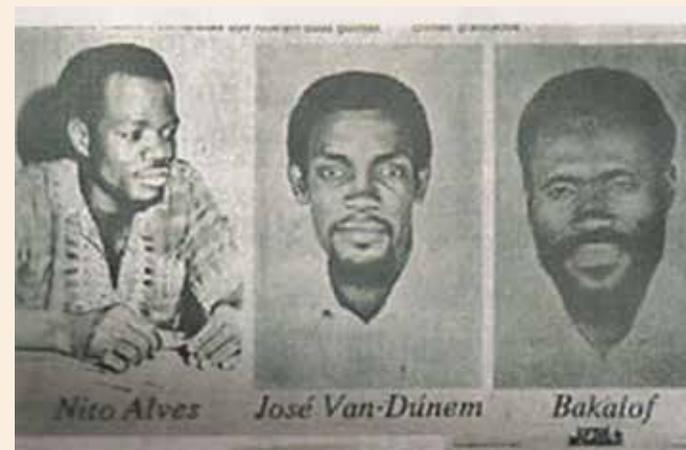
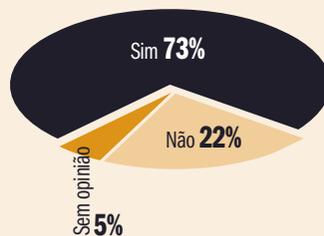
Região de residência



Intenções de votos caso eleições fossem realizadas no próximo fim de semana



Acredita na alternância política em 2022?



reio deste ano. Em sentido contrário, o MPLA quebra em dois pontos percentuais, ao passo que a Casa-CE é “fortemente” penalizada na preferência dos eleitores, ao consentir um recuo de 50 pontos percentuais, em apenas seis meses. Na apreciação da AngoBarómetro, o enfraquecimento da Casa-CE é explicado pela perda das suas “figuras emblemáticas”, após os actos sucessivos de destituição de Abel Chivukuvuku e

de André Mendes da presidência e da suspensão do Bloco Democrático. Mais estável mantém-se o PRS de Benedito Daniel que, com os 3,53% apurados em Fevereiro, consente um ligeiro recuo de 0,43 pontos percentuais.

ECONOMIA “DESASTROSA”
A quebra do MPLA nas intenções de voto encontra respaldo nos elevados níveis de desaprovação da sua política económica

e social. Do universo de inqueridos, 81% considerou “desastrosas” as reformas económicas do partido no poder, números muito próximos dos 82,93% que classificaram o desempenho da equipa económica do Governo como “mediocre”. Do lado contrário, 10% pensam que as reformas governamentais são “assertivas”, ao passo que 9% não manifestaram qualquer opinião. “Mesmo se as propostas da Unita são consideradas melhores

do que as do MPLA, é possível que as intenções de voto a favor da Unita sejam votos de protesto pelas más condições económicas e sociais da maioria da população”, analisam os pesquisadores da AngoBarómetro.

Reafirmando Luanda como “a praça política de maior importância” e cujos residentes “são mais participativos e críticos em relação ao Executivo”, o inquérito abordou angolanos acima dos 18 anos, 93%

dos quais do sexo masculino e 7% do sexo feminino.

A faixa dos 26 a 35 anos foi a mais participativa com 33,99%, secundada pelo grupo dos 36 a 45 anos que reclamou 29,06% das respostas. Pelo meio posicionou-se a faixa dos 56 anos ou mais com 17,73% e, no outro extremo, os segmentos dos 46 a 55 anos e dos 18 a 25 anos representaram respectivamente 13,30% e 5,91% dos participantes.

Economia/Política

DEMISSÃO DO PRESIDENTE DO TC MOSTRA DIVISÕES POLÍTICAS

Justiça com difícil equilíbrio

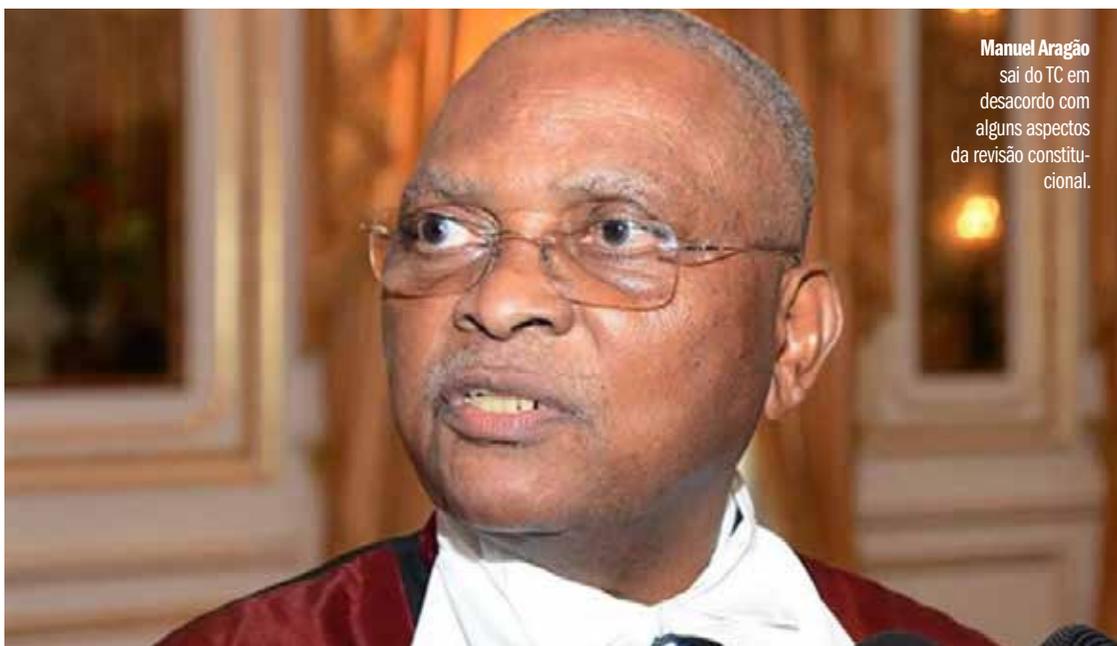
TRIBUNAIS. Em pouco mais de três dias, João Lourenço conseguiu aprovar alterações à Constituição e, pelo meio, tirou “uma pedra do caminho”: o presidente do Tribunal Constitucional. Proposta passa, mas deixa a Justiça com divergências internas. Há quem sublinhe as divisões, mas políticas, dentro do MPLA.

Por Emídio Fernando

É a segunda vez que um presidente de um tribunal superior bate com a porta, pondo em evidência fissuras na Justiça. As duas vezes ocorreram nesta legislatura, sob a presidência de João Lourenço e já entram na história da política angolana. Desta vez, foi o presidente do Tribunal Constitucional (TC), Manuel Aragão, a pedir a demissão, numa saída prontamente aceite pelo Presidente da República.

Em 2019, fora o presidente do Tribunal Supremo, Rui Ferreira, alegando ter sido vítima de uma “campanha intensa e cruel de mentiras, deturpação de factos, intrigas, calúnias e insultos”. Além destas demissões, João Lourenço pode juntar no ‘portfólio’ a saída do malgrado Provedor de Justiça, Carlos Ferreira Pinto, em Abril deste ano.

Na semana passada, Manuel Aragão saiu depois de ter votado,



Manuel Aragão sai do TC em desacordo com alguns aspectos da revisão constitucional.

Cronologia de uma revisão agitada

• **2 de Maio:** Presidente da República propõe uma revisão da Constituição. Apresenta a proposta de lei da Revisão da Constituição. Unita manifesta-se contra e o líder do partido, Adalberto Costa Júnior, mostrou-se surpreendido. O líder da Unita até apoia uma revisão, mas “mais profunda”.

• **22 de Junho:** A Assembleia Nacional aprova a primeira revisão ordinária parcial da Constituição, 11 anos após a entrada em vigor, obtendo uma maioria qualificada, com 152 votos a favor, nenhum contra e 56 abstenções.

• **7 de Julho:** Presidente da República envia Lei de Revisão Constitucional para a fiscalização preventiva do Tribunal Constitucional (TC) com “regime de urgência”.

• **9 de Agosto:** Acórdão do TC dá ‘luz verde’

à revisão da Constituição, mas levanta dúvidas sobre a constitucionalidade de alguns artigos. Os juízes-conselheiros Manuel Aragão, presidente do TC, e Carlos Teixeira votam contra. Na declaração de voto de vencido, Manuel Aragão alerta para o que chama “um suicídio do estado democrático de Direito”.

• **12 de Agosto:** Presidente do TC pede a demissão. Entrega o pedido ao Presidente da República que, imediatamente, aceita. Carlos Feijó, considerado o pai da Constituição de 2010, concede uma entrevista à TV Zimbo, considerando o acórdão do TC “inconstitucional”.

• **13 de Agosto:** A Assembleia Nacional aprova Proposta de Lei de Revisão Constitucional, nos termos definidos pelo Acórdão do TC. Recolhe 149 votos a favor, cinco contra e 49 abstenções.

vencido, a proposta de revisão constitucional apresentada pelo Presidente da República e que mereceu rapidez em todo o processo. A proposta foi apresentada em Maio e aprovada mês e meio depois. Em Julho, já estava no TC para a fiscalização preventiva e, um mês depois, recebia a aprovação do tribunal com reservas.

Manuel Aragão lançou um alerta de que estava “em causa a separação de poderes” e que o país enfrentava um “suicídio do Estado democrático e de Direito”. No voto contra, Aragão é acompanhado pelo juiz-conselheiro Carlos Teixeira.

Sem responder directamente a Manuel Aragão e sem fazer qualquer referência ao juiz, o ministro de Estado e Chefe da Casa Civil acabou por dar uma resposta, no dia em que o Parlamento voltou a aprovar a proposta de lei, depois de eliminadas as normas que os juízes consideraram “inconstitucionais”. “O percurso que acabámos de descrever revela bem o normal funcionamento das instituições angolanas, a interdependência de funções que existe entre os poderes do Estado, sem prejuízo da separação de poderes constitucionalmente prevista. Este percurso é revelador de que o Estado

de direito em Angola é uma realidade que se consolida todos os dias, com o empenho de todos”, sublinhou Adão de Almeida.

As mexidas nos tribunais e na Provedoria não deixam indiferente os actores políticos e da Justiça, levantando preocupações. Uma delas é a do advogado Benja Satula, que coloca dúvidas sobre a robustez do sistema de justiça. “Estamos a caminhar muito mal, porque essas garantias de independência, de imparcialidade e inamovibilidade, que são garantias dos juízes parece que não estão a funcionar muito bem”, afirmou à agência Lusa. Além disso, o advo-

gado alerta que Angola está “a caminhar para um suicídio e para uma captura das instituições que deveriam desempenhar a separação de poderes num Estado democrático e de Direito”, admitindo, por exemplo, que as demissões de Manuel Aragão e de Rui Ferreira tenham sido forçadas por “pressões políticas”.

É precisamente do ponto de vista político que surgem as análises mais críticas. O jurista e comentador Albano Pedro encontra, na divisão dentro do MPLA, as razões, por exemplo, para a demissão de Manuel Aragão: “Passa a ideia de que Aragão faz parte do grupo que está a ser taxado com nomes de animais, como marimbondos e caranguejos, que está a acontecer dentro do MPLA. O MPLA está hoje dividido entre os que estão a ganhar nomes de animais e os que estão alinhados ao modo de combate à corrupção que João Lourenço assumiu.”

Em declarações à Rádio Essencial, Albano Pedro lembra que temos estado a acompanhar uma viragem na organização dos tribunais superiores em que o TC vai perdendo privilégios a favor do Tribunal Supremo”.

O TC também perdeu o lugar no Conselho da República, o que é visto, por Albano Pedro, como mais uma razão para o “mau clima”.

Leitura semelhante tem Nuno Dala, professor universitário e ex-membro do Grupo ‘15+2’. O activista argumenta que “os últimos acontecimentos são indícios de que o país corre o risco de entrar em instabilidade política”, alertando para o “perigo” que isso possa causar.

Mais cáustico, William Tonet, jurista e director do jornal ‘Folha 8’, não tem dúvidas de que pouco resta aos juízes: “ou os juízes que defendem a ideologia continuam com o pé na lama, ou os juízes fartos de terem o pé no lodo se libertam da pocilga”.

As desconfianças quanto à falta de independência dos tribunais angolanos já levou a justiça espanhola a recusar a extradição do antigo secretário de João Lourenço, Carlos Panzo, para Angola.

O 'STOCK' DA DÍVIDA governamental, até ao primeiro trimestre de 2021, foi de 39,5 biliões de kwanzas (52,2 mil milhões de euros), dos quais 29% correspondem a dívida interna e 71% à externa de acordo com dados apresentados, na Assembleia Nacional, pela ministra das Finanças Vera Daves.

PROJECTO VAI CONTINUAR À ESPERA DE DIAS MELHORES

Eleições 'retiram' biblioteca da Presidência do OGE

INVESTIMENTO. Depois de retirada do orçamento de 2020, como resultado da pressão da sociedade, projecto voltou a constar da proposta inicial do OGE-2021 e foi novamente retirado. Executivo garantiu que, na segunda vez, o projecto foi inscrito erradamente. Em 2022, volta a ficar de fora.

Por César Silveira

Depois de ter sido 'riscada' dos orçamentos de 2019 e 2020, a Biblioteca Presidencial volta a não constar da proposta do Orçamento Geral do Estado para 2022, apesar "de continuar a ser um investimento importante" de acordo com fonte familiar ao processo, justificando a não inclusão do projecto com o ano eleitoral.

"Depois das polémicas à volta do projecto, sobretudo com a sua inclusão no Orçamento Revisto de 2020, devido à associação à clínica dentária, tornou-se um investimento sensível e, por isso, apesar da importância e até da urgência na sua implementação, achou-se por bem protelar para uma outra altura", explicou.

Em relação à "importância" e "urgência", a fonte sublinhou a necessidade de "proteger e salvar a documentação sobre a memória estratégia do Estado que se encontra dispersa".

"Todos os países têm um

equipamento onde repousa a história da Presidência que, na verdade, se confunde com a história e memória do país. Precisamos deste equipamento porque a nossa memória está dispersa. Se perguntarmos agora onde está a documentação dos acordos de Alvor, provavelmente ninguém saberá responder", exemplificou.

Esta mesma explicação, de resto, foi dada ao Valor Económico, em Novembro de 2020, por fonte oficial da Presidência da República na sequência de um artigo que dava conta que o projecto voltava a constar do OGE-2021, depois de ter sido retirado da planificação anterior, em resposta a protestos da sociedade.

"Desde que a Angola é independente, os elementos materiais tangíveis, nomeadamente livros e outros documentos históricos sobre a Presidência da República e seus representantes em Angola e no Exterior nunca estiveram sujeitos a um processo coordenado de gestão a nível dos Órgãos Auxiliares do Presidente da República, encontrando-se dispersos, em forma de entulhos, nos porões e em várias áreas dos Serviços, cuja identificação e recolha se afigura



bastante complexa", explicou, na ocasião, a fonte da Presidência.

DE BIBLIOTECA A MUSEU

O Valor Económico apurou, entretanto, a possibilidade de o projecto ressurgir com a denominação de museu, ao invés de biblioteca. Os idealizadores acreditam que a denominação museu emprestaria ao projecto a sua real importância.

"Acredita-se que biblioteca esteja muito associada a uma

sala de livros para as pessoas se deleitarem no final do dia. Não é o caso, estamos a falar de um projecto para agrupar toda a memória do país", insiste a fonte governamental.

O projecto foi inscrito no OGE Revisto de 2020. Na mesma ocasião, estava inscrita a reabilitação e adaptação de um edifício para a instalação de um centro clínico dentário. Com os dois projectos, o Governo previa gastar cerca de 4,6 mil milhões de kwanzas. A sociedade manifestou-se contra e ambos foram eliminados, após discussão na Assembleia Nacional.

O projecto voltou, entretanto, a constar da versão preliminar do OGE-2021 disponibilizada na página do Ministério das Finanças, tendo sido matéria de destaque da edição 233 deste jornal. O projecto 'estudo e construção da galeria e biblioteca da Presidência da República' constava com uma dotação de 3.163 milhões de kwanzas (5,3 milhões USD), ou seja, quase três vezes mais, se comparado aos 1,2 mil milhões de kwanzas adjudicados no OGE Revisto de 2020.

Mas, após a publicação do Valor Económico, o projecto deixou de constar e o Executivo garantiu que o mesmo surgiu inscrito acidentalmente. "Supomos que a informação em causa terá sido extraída de uma versão anterior à actual proposta, na medida em que o projecto vem constando dos documentos desde 2018, mas nunca chegou à aprovação, simplesmente por razões de tesouraria", explicou, na ocasião, fonte governamental.

Na altura, o Executivo garantiu também que, "apesar da sua importância", as condições financeiras eram desfavoráveis à realização do investimento, assegurando que seria retomado tão logo as condições financeiras o permitissem.

MEMORIZE

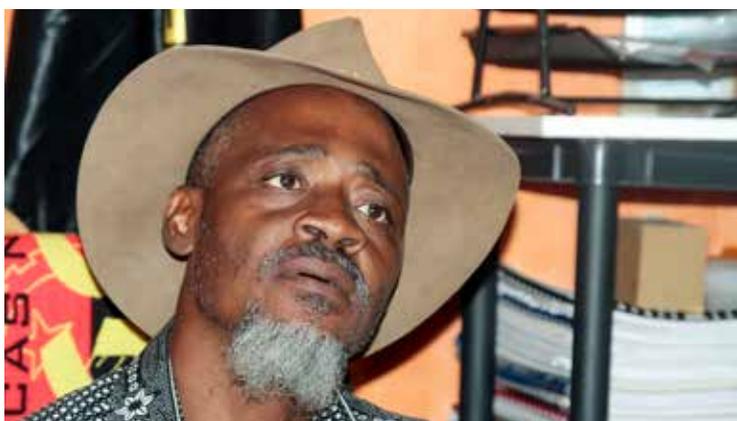
- Desde que a Angola é independente, livros e outros documentos históricos sobre a Presidência e seus representantes em Angola e no Exterior nunca estiveram sujeitos a um processo coordenado de gestão a nível dos Órgãos Auxiliares do Presidente.

Entrevista

ORLANDO DOS SANTOS, EMPRESÁRIO AGRÍCOLA

“Fala-se muito de crédito para os agricultores, mas não estamos a ver nada”

Em mais de 150 hectares, depois do Cabo Ledo, o empresário dedica-se à criação de gado bovino e à agricultura, mas tem paralisado um aviário com capacidade de produção de mais de quatro mil ovos/dia, por falta de apoio. Orlando dos Santos nota que, apesar dos discursos oficiais, aos empresários não é mostrado o caminho para chegarem aos créditos, ao mesmo tempo que pede mais transparência.



Mário Marques © VE

de que as pessoas estão despertadas para a produção. Aliás, quase todas as quintas e sextas-feiras, vemos carrinhas saírem de Luanda e, aos sábados e domingos, regressam cheias de produtos agrícolas. Quer dizer que há um certo crescimento no sector familiar.

Não identifica desafios?

O que o Governo deve fazer é potenciar as cooperativas para que estejam organizadas e para produzam em quantidade e qualidade para o consumo interno e para a exportação. Ainda não despertamos para a cultura de cooperativas, mas é ali onde se devem unir forças para melhorar o trabalho. Eu faço parte do sector agro-pecuário e em mais de 150 hectares, depois do Cabo Ledo, estou a criar bovinos, caprinos e suínos. Estou a produzir melancia, citrinos, mandioca, batata e tomate em terreno extremamente fértil.

Não tem o problema dos fertilizantes, como se clama em quase todo o país?

Nesta zona do Cabo Ledo, em diante, não precisamos de fertilizantes, porque os terrenos são muito férteis. Falta-nos apenas água.

E é contornável essa falta de água?

A zona a que me refiro está entre dois grandes rios, o Kwanza e o Longa. Portanto, o Governo devia pensar em desviar água para esta área.

O Governo ou os empresários?

No país, a quase todos os níveis, ainda não devemos considerar que temos macroagricultores. Por isso, o Governo deve fazer. A exemplo do canal do Kikuxi, em Luanda, também pode fazê-lo para o Cabo Ledo, criando essa infra-estrutura para alavancar a produção. Hoje quem estiver a viajar para o Kwanza-Sul há-de ver que estão sendo desbravadas enormes extensões de ter-

Perfil

Um homem de altos ‘voos’

Orlando dos Santos cresceu no Uíge e, em Luanda, desenvolveu com os filhos um programa de distribuição de sopa, refrigerante e água a seguranças e agentes da polícia em serviço, no Morro Bento. Assumido militante do MPLA, partido com o qual chegar autarca ou governador, o patrão do Grupo Goepps, apesar de possuir duas licenciaturas (Direito e Teologia) decidiu abraçar a agropecuária há 15 anos por vocação herdada dos pais originários do Huambo. No Waco Kungo (Kwanza-Sul) já chegou a oferecer uma escola com quatro salas de aula apetrechadas com carteiras, mas lamenta por não estar a ser utilizada, “quando há crianças a estudar debaixo das árvores”.

reno para a agricultura. Assim sendo, captar água dos rios é exequível e penso que não se gastaria muito dinheiro. Assim, já não estaríamos só dependentes das chuvas e teríamos uma produção ininterrupta, durante todo o ano.

Mas o país ainda importa produtos agrícolas. Isso não lhe sugere um comentário?

Dependemos da importação em certos produtos. Também não nos devemos fechar ao mundo. Temos de ter esse intercâmbio comercial, o que é normal. Posso produzir aqui boa cebola e ir buscar outra do outro lado da fronteira. Pode existir esse intercâmbio que acaba por ser salutar. Entretanto, as políticas governamentais têm de ser mais transparentes e exequíveis para que as pessoas saibam do que se está a projectar. O que se passa é que se fala muito do apoio aos agricultores, mas nós que estamos organizados em pequenos grupos na Muxima ou em Cabo Ledo não vemos o caminho exacto para chegarmos a esses apoios.

Está a referir-se ao crédito, certo?

Exactamente! Falam-nos de microcrédito, de kixi-crédito, ou mesmo de financiamentos abertos no Banco de Desenvolvimento de Angola entre tantos outros pacotes. Falam-nos de tanta coisa, mas não vemos como aceder a esses financiamentos para sermos potenciados.

Por Júlio Gomes

Em termos concretos, quais são, para si, os principais problemas da agricultura em Angola?

Acredito que muitos vão concordar comigo se disser que hoje, nos municípios mais recônditos, já se fala de agricultura. Isso é um sinal

“O que nós queremos são tractores, alfaias, água e sementes. Não precisamos de adubos porque a terra não está saturada. Não sou agrónomo, mas arrisco que os nossos terrenos da cintura verde de Luanda ainda não precisam de adubos, talvez só daqui a 10 anos.”

No seu caso particular, o que faria se tivesse acesso ao dinheiro?

Estou a falar em nome dos agricultores da zona onde estou a trabalhar. O que nós queremos são tractores, alfaias, água e sementes. Não precisamos de adubos porque a terra não está saturada. Não sou agrónomo, mas arrisco que os nossos terrenos da cintura verde de Luanda ainda não precisam de adubos, talvez só daqui a 10 anos.

Não havendo tractores, água e sementes como operam?

Estamos a desenrascar com os nossos meios, porque temos vontade de trabalhar e os resultados encorajam-nos. Mas, se fossemos potenciados, poderíamos produzir muito mais e melhor. Isso também tornaria mais baratos os produtos do campo comercializados nos mercados da capital.

Pode caracterizar a produção em números?

As quantidades foram demonstradas este mês, na primeira feira agropecuária realizada na Quiçama. No meu campo, só para citar, tenho neste momento a colher mais de cinco toneladas de melancia, duas toneladas de tomate de uma das melhores variedades, e mais de três toneladas de beringela. Então, a começar com os meus próprios meios, regando com camiões cisterna e tanques de água, estou a conseguir essas produções, imagine se fosse apoiado.

Não se coloca o problema do escoamento para os mercados de consumo?

Estamos às portas de Luanda e por isso não temos esse constrangimento. Aqueles que estão um pouco mais no interior devem ter sérios problemas de escoamento por falta de estradas. Mas, para além da reparação das vias de acesso, o que o Governo deve fazer é potenciar as regiões para o processamento da produção. É preciso que se criem pequenas fábricas nos pontos onde há produção para que os produtores não sejam obrigados a vender em Luanda. No Uíge, por exemplo, há muitos citrinos, mas faltam fábricas para transformá-los em sumo. Entre o Bié, Huambo e Kuando-Kubango também há uma grande produção de batata-doce e rena, mas falta uma unidade de transformação de derivados. É um grande problema.

Falta essencialmente transformação local...

O Governo deve ir ao encontro dos potenciais pontos de produção para que os produtos sejam transformados na origem e, a partir daí, abastecer o mercado interno e exportar o excedente. É preciso também melhorar a questão dos matadouros porque a nossa população consome muita carne. Em Luanda, por exemplo, temos o matadouro do Songo com capacidade de abate de mais de 100 bovinos por dia, mas já não tem condições para alimentar os animais que ficam em retém. Logo, é preciso olhar para esse matadouro, porque assim se perde a qualidade da carne. O mesmo ocorre com o matadouro da Funda, e do Km 30. Devia olhar-se para esses matadouros de outra forma, dando apoio para que consigam alimentar os animais antes do abate e para empacotar a carne. Por isso é que a Frescangol está a fazer falta.

Porquê

Tendo um animal, poderia recorrer a esse matadouro industrial para o

É preciso que se criem pequenas fábricas nos pontos onde há produção para que os produtores não sejam obrigados a vender em Luanda.

processamento da carne. Veja que, em tempos, houve uma superfície comercial que queria carne já empacotada. Eu sou criador, tenho animais, mas não tenho condições de processar a carne e por isso perdi o negócio.

Qual é a quantidade de bovinos que possui?

Mais de 300 cabeças, mas, com o universo de todos os criadores, digo-lhe sem muito engano que entre Luanda e o rio Longa temos ali pouco mais de 100 mil bovinos.

Abandonou a avicultura?

Tenho o aviário paralisado há quase três anos por falta de apoio. Tinha uma capacidade de produção de mais de quatro mil ovos por dia. Neste momento, as três naves estão às moscas porque a aquisição de ração é outra maka. Mesmo com os esforços da Associação de Avicultores e o engajamento do seu presidente, Rui Santos, não se está a conseguir inverter o quadro sombrio.

É um negócio condenado ao fracasso?

O que precisamos neste sector é de apoio técnico. As galinhas entram em stress e, se o avicultor não tiver vacinas e ração adequada, em duas semanas perde selectivamente as aves. É por isso

um negócio muito arriscado para os produtores.

Os veterinários não chegam às fazendas?

Temos tido visitas de veterinários de acordo com as suas agendas.

O Ministério da Agricultura e Pescas acaba de distribuir galinhas às famílias. Como avalia a iniciativa?

Isso é visionário, mas não resolve a questão da produção de ovos e carne de frango em grande escala. O que se pretende é minimizar os problemas para que não se agudizem. Porém, nós que estamos no terreno, na linha da frente, não estamos a encontrar vias para chegarmos aos apoios. Estamos a ver nuvens.

Mas o Governo diz que há dinheiro, através do Prodesi...

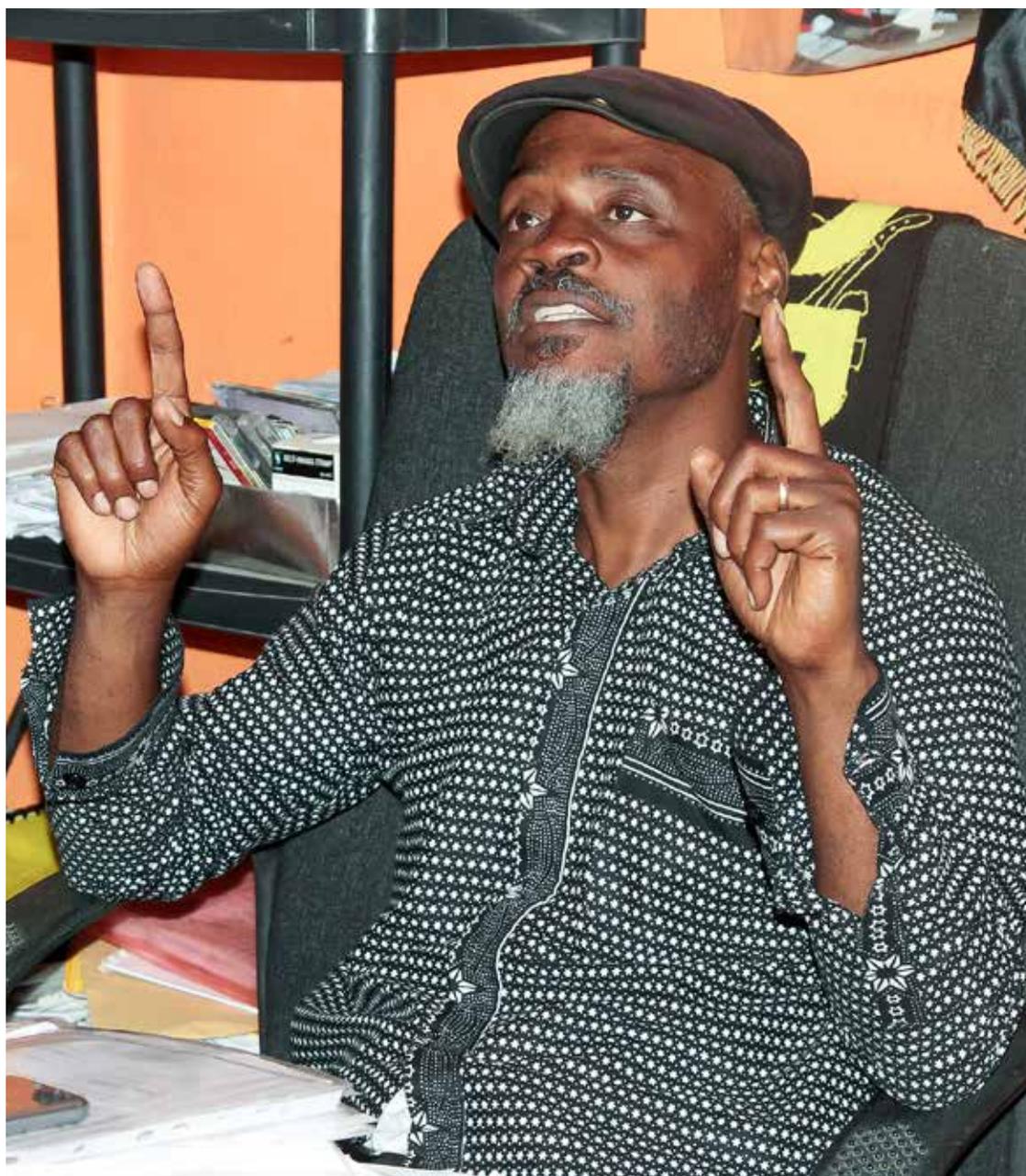
Tem de vir ao nosso encontro. Nós contactamos as administrações e dizem também que estão a ser contactadas por esses pacotes de potencialização de pequenos, médios e grandes agricultores. Na prática, não estamos a encontrar respostas.

O que sugere?

É preciso ir ao terreno, fazer o mapeamento das famílias e saber onde estão. Fora desse quadro, não é possível alavancar a produção. Se somos contactados, depois não há resposta. Penso que a vontade está anunciada, mas não estamos a senti-la. Ou seja, não estamos a sentir nada, e pode ser que as pessoas que intermedeiam ou não têm capacidade ou ainda estão nos lugares errados. É preciso ouvir os sobas e através deles saber quem está a trabalhar. Tem de ser feito o mapeamento. Deve haver estatísticas para direccionar os apoios. As equipas têm de ser mais proactivas. Apoiem-nos com animais e sementes e verão o que faremos.

O Governo decidiu importar carrinhas para minimizar a questão do escoamento da produção do campo para as cidades. Tem alguma palavra?

As viaturas têm de parar em mãos certas. Deve haver clareza em todo esse processo. Quem vai receber estas carrinhas, e gerir estes equipamentos? Falar e depois não sabermos de concreto os beneficiários, isto está errado. O cidadão precisa de ser permanentemente informado das políticas da administração pública.



Mercados & Negócios



Mário Mijetes © VE

OUTROS EMPRESÁRIOS 'DE OLHOS' NA INSTALAÇÃO

AIA disposta a investir 60 milhões de dólares para recuperar a FILDA

COMÉRCIO. AIA está dependente de uma decisão favorável do tribunal para recuperar a destruída e abandonada instalação da Filda. Mas há outros empresários interessados na recuperação e exploração da feira.

Por Guilherme Francisco

Passados 15 anos desde que foi retirada da gestão da Filda, a Associação dos Industriais de Angola (AIA) continua à espera da resposta do recurso interposto para voltar a gerir o espaço.

O presidente da associação,

José Severino, precisa ao Valor Económico que, apesar da demora na decisão do tribunal, a intenção de recuperar a gestão das instalações da Filda, situada no Cazenga, continua de pé.

“Somos um Estado de direito, estamos à espera da decisão. Somos parceiros social do Estado, estamos numa sociedade de direito, investimos cerca de 40 milhões de dólares, tornamos a Filda um ícone internacional em apoio ao Executivo”, refere.

MEMORIZE

- A entrada e as proximidades do pavilhão principal da Filda foram transformadas, por jovens desempregados, em recintos de lavagem de carros e quartel-general de delinquentes.

Desde que seja encaminhado o processo a favor da AIA, José Severino antecipa um investimento de 60 milhões de dólares para a recuperação das instalações, entretanto, já garantidos. E não descarta a possibilidade de ‘ressuscitar’ a histórica montra de negócio através de parceria.

O empresário Carlos dos Santos, proprietário da CCA-LAS Angola, considera, por seu lado, que o Governo “perde muito dinheiro” com a inoperância da

Filda. E manifesta vontade de explorar o espaço, sugerindo a abertura de um concurso ou a indicação de uma empresa especializada em organização de feiras, de modo a efectivar a recuperação da unidade.

Sem se importar com a componente investimento, Carlos dos Santos refere que o importante é a indicação de uma empresa experiente para explorar, argumentando que todo o “investimento tem um retorno”, sobretudo porque a Filda se situa num local “estratégico”.

INSTALAÇÕES DESTRUÍDAS SEM DESTINO À VISTA

Nada que recorde as feiras que juntou vários empresários nacionais e estrangeiros nos tempos idos se pode ver no local. Paredes que dividiam compartimentos destruídas, letreiro arrancado, cobertura, portas e portões retirados e uma vasta vegetação é o que a

Filda, agora conhecida como ‘casa assombrada’, oferece a quem passa pelas imediações.

A entrada e as proximidades do pavilhão principal foram transformadas, por jovens desempregados, em recintos de lavagem de carros. Testemunhas relatam que o local passou a ser também quartel-general de delinquentes.

José Severino atira a responsabilização ao antigo gestor judicial da Expo, Matos Cardoso, pelo estado “degradante” em que se encontra o espaço, argumentando que Cardoso nunca largou a Filda, apesar da decisão do tribunal.

No entanto, o Ministério do Comércio e Indústria refere que as instalações se encontram na posse da Expo-Angola.

Por sua vez, o Ministério da Economia e Planeamento, sob o domínio do qual se encontrava o dossier, não respondeu até ao fecho desta edição.

A SONAIR e a Total E&P assinaram um contrato, com duração de três anos, para a prestação de serviços de transporte aéreo de e para as operações no mar (offshore) para os blocos petrolíferos 17, 32, 48, 20 e 21.

BAI E BCA

Só dois bancos ainda não cumpriram o limite de crédito previsto no Aviso 10

Apenas os bancos BAI e BCA ainda não cumpriram a moratória de conceder crédito no âmbito do aviso 10/2020 do Banco Nacional de Angola (BNA), que visa dinamizar o financiamento à produção nacional ao abrigo do Prodesi e obriga os bancos a concederem crédito no limite mínimo de 2,50% do activo líquido.

De acordo com o relatório do BNA sobre o cumprimento da medida, o nível de cumprimento do BAI é de 61,91%. Com um activo avaliado em 1,602,617,39 biliões de kwanzas, o banco já concedeu 25,51 mil milhões de kwanzas, dos 40,065,43 mil milhões que deve

conceder como valor mínimo, à luz do aviso.

Por sua vez, o BCA, cujo activo está avaliado em 45,390,25 mil milhões de kwanzas, deve conceder 1,134,76 mil milhões e disponibilizou 1.000 milhões de kwanzas.

No entanto, estes bancos têm ainda cinco meses para se conformarem ao aviso, cujo prazo de vigência já foi alargado por duas ocasiões pelo BNA. Publicado em Abril de 2020, inicialmente o aviso deveria ser cumprido até ao final daquele ano, mas, na altura, apenas oito bancos (BCGA, BIR, BNI, BVB, FNB, Keve, SBA e Yetu) tinham cumprido a concessão de crédito no valor mínimo de 2,5 % do respectivo activo líquido e nenhum cumpriu os números

mínimos de financiamento. Como consequência, o BNA alargou, inicialmente, o prazo para até Abril de 2021 e, posteriormente, para Dezembro de 2021.

De acordo com os dados do Banco Nacional de Angola, desde a publicação do aviso, já foram concedidos um total de 578,19 mil milhões de kwanzas de um total de 284 créditos concedidos, dos quais 205 com desembolsos efectivos. As pequenas e microempresas receberam os valores mais baixos com 5,98 mil milhões e 1,53 mil milhões, respectivamente. Entre os que mais beneficiaram de crédito, destacam-se as grandes empresas, com 193,40 mil milhões de kwanzas, seguidas das médias empresas, com 125,92 mil milhões.



Mário Mujetes © VE



INVESTIMENTO DE 500 MILHÕES KZ

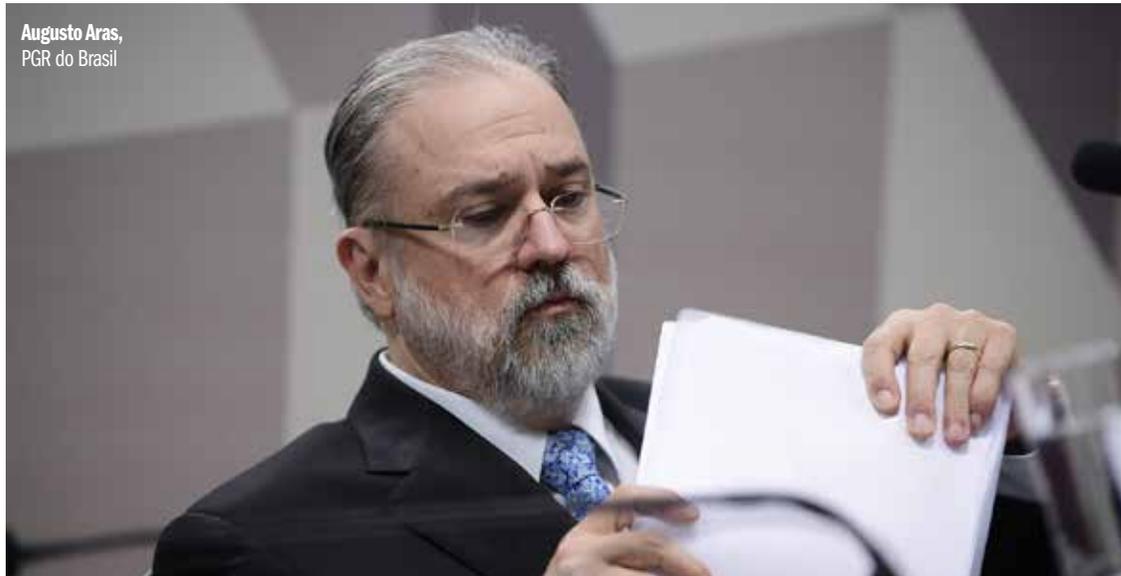
Quinta da Terrincha abre primeira loja em Angola

Aportuguesa Quinta da Terrincha, produtora entre outros de vinhos, azeites e compotas, abriu, esta semana, a primeira loja em Angola como resultado de um investimento de 500 milhões de kwanzas, estimando receitas de mil milhões de kwanzas.

A marca, que pretende expandir-se para mais províncias, acredita que os seus produtos serão bem recebidos no país, sobretudo os vinhos, apesar da forte concorrência dos produtos portugueses.

“Sabemos que trazemos qualidade. Vinho de mesa será a marca Quinta da Terrincha. A marca Terrincha é composta por três gamas, uma mais comercial e, talvez, mais económica. A seguir tem o vinho Quinta da Terrincha, que é o vinho de uma gama superior feito seleccionadamente já envelhecido em barricas de madeira de carvalho e, depois, tem o de reserva Quinta da Terrincha, um vinho que não sai todos os anos, sendo o nosso melhor vinho também”, explicou Rafaela Pinto, directora-geral da empresa MSTR, detentora da marca em Angola.

DE JURE



CASO URNAS ELECTRÓNICAS

Ataques de Bolsonaro sob investigação

Por Redação

O procurador-geral da República brasileira abriu uma investigação preliminar ao presidente do país, Jair Bolsonaro, após este ter lançado suspeitas de fraude sobre as urnas electrónicas, informaram fontes oficiais nesta segunda-feira.

Augusto Aras informou sobre a abertura da investigação após a juíza do Supremo Tribunal Federal (STF) Cármen Lúcia ter classificado como graves as declarações de Bolsonaro contra o sistema eleitoral do país e ter dado, na segunda-feira, 24 horas à Procuradoria-Geral da República para se manifestar sobre uma eventual investigação.

Um pedido de abertura de inquérito havia sido apresentado a 30 de Julho por um grupo de deputados do Partido dos Trabalhadores (PT, oposição), em que denunciaram um caso de alegada improbidade administrativa come-

tido pelo presidente brasileiro, que usou a TV Brasil para transmitir uma intervenção em directo em que atacou adversários políticos e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

O pedido de inquérito também pedia investigação à alegada prática de propaganda eleitoral antecipada, abuso de poder político e económico e divulgação de 'fake news' (notícias falsas) eleitorais por parte de Bolsonaro durante a mesma transmissão ao vivo, em que chegou a convocar jornalistas dizendo que mostraria provas de fraudes no processo de votação através das urnas electrónicas, sem de facto cumprir essa promessa.

Na manifestação emitida na segunda-feira, Augusto Aras indicou que como já investiga as declarações de Bolsonaro sobre as urnas electrónicas, não considera necessário abrir a investigação solicitada pelo PT.

Assim, considerou não ser necessário um novo inquérito, uma vez que a PGR já se encontra a realizar uma investigação preliminar.

Nessa apuração preliminar, Aras vai avaliar se há elementos que indiquem possíveis crimes para justificar o pedido de abertura de inquérito.

Bolsonaro desencadeou uma forte campanha contra as urnas electrónicas e chegou a acusar membros do TSE de participar num esquema para defraudar as eleições presidenciais de 2022 em favor do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que lidera todas as sondagens de intenção de voto para as presidenciais.

As denúncias sem provas feitas por Jair Bolsonaro levaram o TSE a abrir um processo administrativo contra o presidente e a pedir que seja investigado pelo Supremo Tribunal Federal por supostamente cometer atentados à democracia e divulgar informações falsas.

Bolsonaro também foi alvo de um outro pedido de inquérito do TSE para apurar a divulgação de documentos secretos da Polícia Federal sobre uma invasão do sistema informático do tribunal com os quais o presidente brasileiro tentou justificar a campanha contra o voto electrónico.

KWANZA-SUL

Jornalista da Eclésia ouvido pela PGR

O jornalista da Rádio Eclésia Óscar Tito vai ser interrogado pela PGR, acusado de crimes de "calúnia e difamação" ao ex-presidente da Comissão Provincial Eleitoral (CPE) do Kwanza-Sul, após noticiar a demissão do queixoso, noticia a Lusa.

De acordo com a Emissora Católica, esta terça-feira, o jornalista foi intimado a comparecer quinta-feira (19 de Agosto), nas instalações da PGR junto do Serviço de Investigação Criminal, no Kwanza-Sul, em resposta a uma notificação de 14 de Dezembro de 2020.

A queixa de alegados crimes de calúnia e difamação, segundo o jornalista, foi apresentada pelo ex-presidente da CPE do Kwanza-Sul, Morais António, que se demitiu do cargo, em Junho do ano passado, depois de terem sido divulgadas fotos íntimas nas redes sociais.

De acordo com Óscar Tito, em declarações à Eclésia, após a publicação da peça jornalística, o queixoso dirigiu uma carta à emissora na província para um direito de resposta, pois alegava que "a peça estava eivada de difamação e calúnia".

"E segundo a sua exposição, eu terei induzido os ouvintes a pensarem que ele pediu de demissão porque aparece nas redes sociais a mostrar nudez", conta o jornalista.

Morais António colocou o cargo de presidente da CPE à disposição em Junho do ano passado e, em carta dirigida ao Conselho Superior da Magistratura Judicial (CSMJ), na mesma altura, alegava ter sido vítima de uma campanha "montada para manchar a sua imagem", pedido aceite pelo CSMJ.

O então responsável ver-se-ia envolvido num escândalo público que culminou com a divulgação nas redes sociais de fotos e vídeos com mulheres, tendo confirmado, na ocasião, a veracidade de algumas imagens publicadas.

As fotos e vídeos foram extraí-

das de um computador e telefone furtados por desconhecidos na sua residência, conforme narrou (o próprio) Morais António à data dos factos. Nesta terça-feira, o jornalista recordou que a peça jornalística descrevia os factos "tal como ocorreram e tal como o queixoso evoca na carta dirigida ao CSMJ, onde o mesmo explica as razões que o fizeram pedir demissão".

"E foram só essas razões que eu também evoquei na peça, mas estranhamente ele [o queixoso] a exposição a pedir rectificação e recebemos, na última sexta-feira, a notificação para sermos ouvidos na quinta-feira, dia 19, pela PGR junto do SIC", explicou o profissional.

O secretário-geral do Sindicato dos Jornalistas Angolanos, Teixeira Cândido, citado pela Lusa, já repudiou as acusações imputadas ao jornalista Óscar Tito, considerando estar-se diante de um "acto de intimidação".

O procurador-geral da República, Hélder Pitta Grós, negou, em Julho passado, as alegadas perseguições a jornalistas, imputadas ao órgão que dirige, afirmando que "nunca teve conhecimento sobre o assunto".

A 15 de Junho passado, um grupo de jornalistas realizou em Luanda, junto da PGR, um protesto para denunciar alegadas "perseguições" judiciais contra profissionais de comunicação social.



'ELEITA' A CANTORA MAIS RICA DO MUNDO

Rihanna, a multimilionária que não esquece a origem pobre

RIQUEZA. Fortuna avaliada em pouco mais de 1,7 mil milhões de dólares atirou Rihanna para o primeiro lugar na lista das cantoras mais ricas do mundo. Grande parte da riqueza foi construída com a marca Fenty, criada pela artista. Milionária, depois de ter vivido na miséria, destaca-se pelos inúmeros projectos filantrópicos.

Por Redação

bes dá-lhe o primeiro lugar entre as cantoras com maior riqueza e explica: dos 1,7 mil milhões de dólares – valor da fortuna – 1,4, ou seja, mais de 82% é proveniente da Fenty Beauty, uma empresa de roupas, acessórios de moda, perfumes e 'lingerie', detida em 50% por ela. Mas as tabelas dos multimilionários identificam-na como a segunda mulher mais rica ligada ao mundo dos espectáculos, em que só é destronada por Oprah Winfrey. E a cantora tem mais dinheiro.

Mais do que uma cantora de sucesso, Rihanna transformou-se numa empreendedora de elevado calibre aos 33 anos de idade. Só no primeiro ano de existência, a Fenty obteve um lucro considerado astronómico para que tinha acabado de chegar ao mercado: 550 milhões de dólares. Nos anos seguintes, dedicou-se a consolidar a empresa e, mais tarde, a crescer até chegar às receitas de 1,4 milhões de dólares.

DA MISÉRIA AO LUXO

Usando um lugar-comum, a vida de Rihanna dava um filme, com quase todos os ingredientes para ter sucesso, em que ela foi protagonista ou vítima: luta pela sobrevivência, violência, alcoolismo e uso de drogas ilícitas, problemas gravíssimos de saúde e divórcios. Pelo meio, uma vontade de empreender e de criar o próprio negócio.

Antes de atingir o estrelato, Rihanna passou um autêntico calvário. Filha de emigrantes, pai irlandês e mãe da Guiana Francesa, a cantora nasceu e cresceu na ilha



1,7

Mil milhões de dólares, a avaliação da fortuna da cantora de Barbados

dos Barbados, mas com uma infância vivida num autêntico inferno. O pai alcoólico batia na mãe e ela sofria com a violência familiar e

Já com quase 30 anos, em 2017, lançou a Fenty, usando o apelido do pai, e numa parceria com a LVMH, Moët Hennessy Louis Vuitton, uma 'holding' francesa. A sociedade, avaliada em 10 milhões de dólares, colocava Rihanna na órbita do negócio de cosméticos, acessórios e de vários produtos de beleza.

Estava dado o primeiro passo para o êxito empresarial. A empresa de cosméticos recolhia elogios da crítica. A primeira loja, já em 'franchising', colocou produtos em mais de 150 países, em que se destacavam os cremes e bronzadores para todos os tons de pele. Ainda nesse ano, a revista Time elegeu a empresa como "uma das 25 melhores invenções do ano" e elogiava a "amplitude" por ultrapassar as barreiras do racismo e do preconceito. Em Março, em entrevista à France Press, Rihanna justificava as suas opções profissionais: "quero ver as coisas a partir da minha perspectiva. Sou uma jovem negra que ama e adota todas as ideias e energias dos jovens".

Ao mesmo tempo, a Fenty beneficiou de estar integrada num mercado em que a crise económica não é muito severa e até continua a crescer. De tal ordem que, na semana passada, ajudou a que Rihanna fosse colocada no topo dos mais ricos.

Associada à vida empresarial, Rihanna desenvolve um intenso trabalho de ajuda aos mais carenciados. Em 2006, inaugurou a primeira instituição beneficente, a Fundação Acriditar, com o objectivo de ajudar crianças vítimas de doenças terminais. Em 2007, foi nomeada embaixadora da campanha Centro de União, Amor e Caridade, que escolhe uma representante de uma instituição de caridade diferente em todo o mundo.

Em 2008, uniu-se a outras figuras públicas para ser criada uma marca Moda contra a sida encabeçada pela H&M. Também em 2008, promoveu um festival, com mais 15 cantoras. O espectáculo arrecadou mais de 100 milhões de dólares, destinados a unidades hospitalares de combate ao cancro. Em 2012, criou a Fundação Clara Lionel, em homenagem aos avós Clara e Lionel Braithwaite, com programas que incluem investigação sobre o cancro e educação de crianças. Além disso, do bolso dela já saíram quase 120 milhões de dólares para ajudar bancos alimentares e pessoas prejudicadas pela pandemia covid-19.

com um problema de saúde que a atirava para a cama com fortes dores de cabeça. E só começou a melhorar quando os pais se divorciaram. Nessa altura, tinha 14 anos e iniciava-se na música, influenciada por uma monitora que lhe dava treino militar.

Mas só depois de constituir um trio feminino, uma 'girls band', é que embarcou na música como profissional. Mas, nos primeiros anos, por intransigência da mãe, foi obrigada a partilhar a carreira com os estudos.

(In)formalizando



HÁ ALGUMA ABERTA

Quiosques do Banco Postal vandalizados

COMÉRCIO. Pequenas lojas espalhadas pela cidade de Luanda estão a ser alvo de vandalização. Há quem esteja a utilizá-las por iniciativa própria para a actividade comercial.

Por Redação

Grande parte dos quiosques da unidade Kixila Money, pertencentes ao Banco Postal, encerrados desde 4 de Janeiro de 2019, período em que o Banco Nacional de Angola (BNA) revogou a licença e requereu a declaração de falência da instituição, está a ser vandalizada.

Os sinais de vandalização são visíveis nos instalados ao longo da estrada de Catete, sobretudo em Viana, Cazenga e Rangel. Alguns têm as portas arrombadas, a base e a parte traseira destruídas. São disso exemplo os quiosques localizados perto das duas novas torres da Cidadela Desportiva, na Avenida Brasil, do supermercado Jumbo e da Bela-Vista.

A noite, os empreendimentos são usados como dormitórios por sem abrigos, ao passo que, à luz do dia, servem de depósitos para os vendedores ambulantes, apesar de não estarem autorizados a utilizá-los. Há ainda quem, sem qualquer receio de responsabi-

zação, arrisque a realizar actividade comercial, como acontece com o quiosque instalado próximo à famosa zona da Sonagalp, em Viana. Com sinais de arrombamento na porta, um jovem faz a venda de cartões de saldo de telemóveis e guarda produtos de vendedores ambulantes, argumentando estar devidamente autorizado por uma mulher ligada ao processo de encerramento do banco. Já há mais de três meses a vender no local, explica que lhe foi dada a guarda de modo a evitar vandalização ou eventual roubo do bem, à semelhança do que aconteceu com outros dois situados a pouca distância, na Estalagem e na Ponte Partida: um foi “queimado e outro roubado.”

No entanto, na sua edição 264 o **Valor Económico** reportou o interesse de diversos vendedores e trabalhadores informais em explorar os 130 quiosques instalados em diferentes pontos de Luanda, sugerindo a abertura

de um concurso público. Mas, de acordo com o antigo director do Xikila Money, Pedro Botelho, cabe aos tribunais dar um destino aos quiosques, depois das conclusões tiradas pela Procuradoria-Geral da República (PGR). Botelho esclarece que a manutenção dos empreendimentos danificados é de inteira responsabilidade do Estado, visto que foram apreendidos.

O Xikila Money tinha como clientes operadores informais, do sapateiro, engraxador a zungueira, com rendimentos médio, médio-baixo e baixo. Os antigos clientes continuam as suas actividades próximo aos quiosques, mas, diferente de há dois anos, agora são obrigados a levar os lucros diários à casa, correndo o risco de assaltos.

Na unidade Kixila Money trabalhavam 480 pessoas, maioritariamente jovens, que até agora não foram indemnizadas, sendo que e muitos se encontram desempregados.

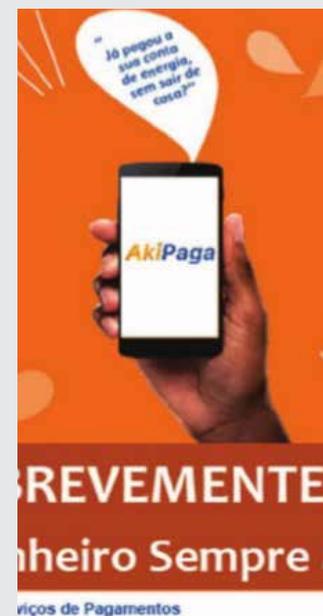
INCLUSÃO

Kwattel lança serviços de pagamento móveis

A empresa de finanças Kwattel lança o serviço de pagamento móveis denominado AkiPaga, com o objectivo de promover a inclusão financeira.

A solução financeira e tecnológica possibilita o acesso a múltiplos serviços móveis a nível de transacções financeiras, sem a necessidade de possuir uma conta bancária ou cartão de crédito. Permite, igualmente, ao usuário depositar e levantar dinheiro sem recorrer a banco ou ATM, efectuar transferências, realizar pagamentos de contas e serviços, bem como realizar carregamentos e compras genéricas em diversos locais do país.

Dentro em breve, a operadora Unitel lança também o serviço de pagamentos instantâneos e transferências monetárias por intermédio de terminais telefónicos, denominado Unitel Money. O país contará assim com duas soluções de pagamentos móveis.



Do sonho à obra feita, um só parceiro à altura



Do betão às máquinas, estamos sempre prontos para pôr mãos à obra



Estrada das Terras Verdes, Km 1 Caop Velha Funda - Cacuaco - Luanda
Escritório: (+244) 928 981 644
comercial@concerraangola.co.ao | www.concerraangola.co.ao

Opiniões



Mário Marques © VE



Daniel Ferreira,
especialista
em cyber
segurança

Ataques de Ransomware, novo ou a continuação de uma realidade?

Outra vez o BPC! Exclamamos nós, surpreendidos, por mais um ataque àquele que é o banco público.

Sim, outra vez o BPC!

Não que o BPC seja diferente dos outros bancos, ou, se calhar é! E é porquê? É porque é o banco do Estado! É porque deveria ser o ou um exemplo de segurança! É porque se o BNA determina directrizes, espera-se que este também as siga! É porque, sendo o principal banco do Estado, estamos todos à espera que sirva de exemplo no bom sentido e não o contrário.

O BPC foi alvo de um ransomware conhecido como Vengalocker, e como funciona? Muito parecido às outras variantes de ransomware, este vasculha o dispositivo da vítima em busca de extensões de arquivo para criptografar. Depois de criptografar os arquivos, deixando a criptografia AES, o Locker poderá abrir uma janela que contém o resgate e detalhes sobre as infecções do dispositivo. Como se não bastasse, durante este ataque e na tentativa de resolução o BPC, foi novamente atacado por outros tipos de vírus, que fizeram com que o mesmo não tivesse capacidade de resposta para todos estes incidentes. E é aqui que entra a questão fulcral e central que qualquer instituição ou organização, aquilo que designamos e actualmente mais

tem crescido que é o GRC – Governance, Risco e Compliance.

Mas o que é isto que GRC? Bem, quando o BNA publicou o aviso 8/2020, não é mais do que directrizes do que deve ser implementado, e que boas práticas, frameworks, ou normativos devemos seguir. Para tal, devem as organizações internamente ter desenvolvidos os seus Modelos de Governos de Segurança e Ciber Segurança de acordo com o referencial/normativo que julgarem mais indicado ao sector de actividade, devem desenvolver procedimentos de resposta a Incidentes, a Gestão de Vulnerabilidades, e principalmente Gestão de Risco de acordo com a organização. Não podemos, por exemplo, pensar que a banca é igual às telecomunicações, ou à logística, pois têm riscos diferentes, assim como potenciais vulnerabilidades diferentes também.

No último relatório disponibilizado pela Rapid7, podemos verificar que o volume de vulne-

Um investimento em formação e treino de colaboradores, aliada à componente tecnológica, pode ser o modelo mais eficaz para salvaguardar a organização.

rabilidades publicadas cresceu significativamente nos últimos cinco anos. O ano de 2017 experimentou um aumento de 127% nas vulnerabilidades nomeadas CVE em relação a 2016, e cada ano de CVE identificadas desde então, superou o seu antecessor em volume absoluto. Quando o ano de 2020 chegou ao fim, acumulava 18.362 vulnerabilidades (total), o que representou um aumento de 6% em relação a

2019 e um aumento vertiginoso de 185% em relação a cinco anos atrás.

Na verdade, tudo assenta na gestão de risco, ora vejamos. Ao identificar um determinado risco, eu estou a assumir um potencial incidente na minha organização, que assumo ou não esse risco, na forma como o vou tratar. Ora se identificamos determinadas vulnerabilidades, que se traduzem em riscos, que, por sua vez, se podem traduzir em potenciais incidentes que, pela sua natureza, podem ser danosos para a instituição, então eu tenho de, antecipadamente, definir modelos de governo na minha organização, para estar minimamente preparado quando esses potenciais incidentes vierem a ocorrer.

Não adianta, como sabemos que o BPC e outros estão a fazer, a investir apenas em tecnologia como FirewallsNextGen, End-Points, Anti-Virus, SIM e SIEM, DLPs entre outros, se o meu modelo de governo não existir, se eu não souber como agir em

determinada situação, se não souber a quem ligar, a quem contactar ou a quem escalar?

Devemos investir mais em ser proactivos, ter Planos de Continuidade de Negócio, Planos de Disaster Recovery, Resposta a Incidentes, Vulnerabilidades, Risco, entre outras. Ter políticas de segurança bem definidas, Procedimentos bem definidos e processos bem definidos que sejam do conhecimento de todos dentro da organização.

Para finalizar, um bom investimento em formação e treino dos colaboradores, aliada à componente tecnológica da organização, pode ser o modelo mais eficaz para salvaguardar a organização, pois se colocarem nos pratos da balança quanto custa o investimento em formação e quanto custa um incidente deste género que poderia ser evitado, facilmente chegam à conclusão que a formação é mais em conta e tem efeitos mais benéficos e duradouros.

O investimento em segurança não é um custo, mas sim um ganho, pensem quanto custa uma formação sobre segurança, e agora pensem quanto custa uma organização parada por não formação dos colaboradores!

Pensem o que está mais vulnerável a um ataque, o vosso servidor, ou o PC do colaborador que acede a todos os sites e browsers da internet quando em casa ou no café em rede aberta!

Pensem e tirem as vossas conclusões.

Sim, outra vez o BPC, e vai voltar a acontecer uma, e outra, e outra vez.

Pode não ser o BPC, mas nada está 100% seguro!

Vamos ser mais proactivos, e investir na segurança, como se de nós próprios se tratasse!

Em países com grande dispersão geográfica e dificuldade de distribuição de energia à população, é essencial que as empresas de energia tomem medidas de cooperação com empresas de diversos sectores.

Como podem as empresas de energia prosperar no actual ambiente de transformação



André Afonso,
Senior Manager
EY, Energy,
Assurance
Services

Agilidade das empresas de energia para reagir a alterações tecnológicas e oscilações abruptas da procura é hoje um elemento fundamental a considerar pelos seus executivos, os quais necessitam de rever as suas prioridades estratégicas com maior frequência.

Ao mesmo tempo, a estratégia precisa agora, de se concentrar em todas os stakeholders e não apenas nos accionistas. Os concorrentes podem ser considerados como potenciais parceiros para prosperar num futuro incerto. Estas forças estão a mudar a forma como as

empresas formulam e executam a estratégia. O inquérito EY Realizing Strategy, realizado a mais de 1.000 directores Executivos, directores financeiros e outros executivos sobre o futuro da formulação da estratégia, mostra como (Parte 2, no seguimento da Parte 1 do artigo apresentada numa edição anterior).

2 - Abraçar o ecossistema em mudança e "co-opetição"

As tecnologias digitais e o aumento da concorrência, tanto dentro como fora do sector, estão a criar um mercado mais distribuído e inclusivo. Desde os fornecedores de tecnologia, fabricantes de automóveis retalhistas, ou até a indústria agro-alimentar estão a competir pela quota de mercado no sector da energia. Estes players estão bem posicionados para aumentar os investimentos e já estão a competir em toda a cadeia de valor da electricidade, em áreas como projectos eólicos e solares fotovoltaicos em grande escala, armazenamento de energia, infra-estruturas de car-

regamento de veículos eléctricos e dispositivos integrados no sector imobiliário e de habitação.

Além disso, com a evolução das expectativas dos clientes e a disponibilidade de dispositivos inteligentes e energias renováveis de baixo custo, indivíduos, empresas e comunidades estão a explorar formas de otimizar o consumo, obter energia mais ecológica e gerir melhor os seus custos energéticos.

Isto indica que a concorrência futura irá aparecer de uma forma mais descentralizada e de novos players de mercado. No inquérito supramencionado, 62% dos executivos consideram que a maior ameaça competitiva nos próximos três anos virá de um concorrente não tradicional. Por conseguinte, as empresas de energia estão a tornar-se mais abertas à "co-opetição" (Cooperação entre congéneres) para prosperar no meio de uma indústria dinâmica e em constante mudança.

O que os executivos do sector energético podem fazer?

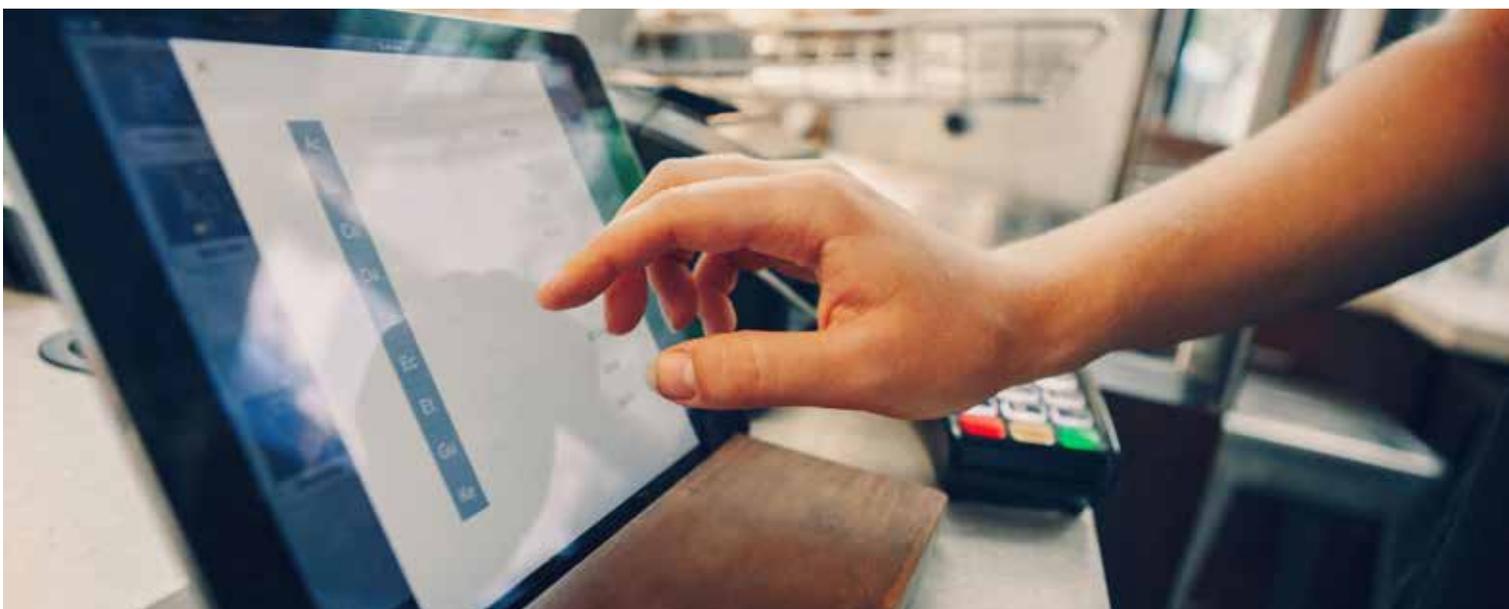
• Implementar uma estratégia dupla que se concentre nas necessidades do dia-a-dia do negócio actual, ao mesmo tempo que inova para o futuro;

• Compreender as principais competências necessárias à organização e redesenhar as suas ofertas.

• Criação de parcerias estratégicas, JV ou alianças para fornecer soluções energéticas avançadas, tais como soluções de armazenamento e e-mobilidade.

Em países com grande dispersão geográfica e dificuldade de distribuição de energia à população, é essencial que as empresas de energia tomem medidas de cooperação com empresas de diversos sectores, (agrário entre outros), de forma a fornecer as soluções energéticas mais ágeis à população com uma redução da dependência das redes de transporte de energia tradicionais.

Na terceira parte do artigo iremos apresentar os factores como a "Velocidade Organizacional como elemento crítico de perseverança".



Opiniões

E agora pergunto eu...



Geraldina Embaló
Directora-Geral
Adjunta

S seja bem-vindo, querido leitor, a este seu espaço onde já sabe que perguntar não ofende e que também foi para o ar na Rádio Essencial na sexta-feira 13, o mesmo dia em que, devido possivelmente ao medo de algum azar, não registou a esperada visita do Chefe de Estado à província mais petrolífera: Cabinda. Será que o Chefe teve medo do azar, ou das ameaças de tala dos cabindenses zangados com o tratamento ao cabindense Augusto Tomás, que, mesmo estando em prisão, lhe é emitido mandado de prisão segundo reportes e que o jornal 'O Crime' designou "o preso do Presidente"? Ou terá o cancelamento só servido para evitar o azar dos cartões vermelhos que os Cabindas supostamente lhe estariam a preparar devido às faltas de tudo: de luz, de água de promessas eleitorais incumpridas? Não seria a primeira vez que um PR fugia de cartões vermelhos... Na Assembleia, o ex-PR, segundo notícias que correram na altura, terá evitado mesmo um discurso do Estado da Nação, para não ter de ver os ditos cartões... Caso para dizer "isso é azar", no entanto, na noite anterior tinha visto o noticiário e ouvido montes de 'boas notícias' que contrastavam com qualquer azar possível.

Eu, que dizia aqui na semana passada que ninguém quer aceitar os convites ao investimento em que o PR se desdobra há quatro anos, fiquei feliz de ouvir o embaixador da Argentina a assegurar uma fábrica e 500 empregos, excelentes notícias do tipo de que, de facto, precisamos mais. Depois, houve boas notícias para a juventude. Depois, boas notícias para os antigos combatentes. Depois, excelentes notí-

cias para a investigação científica com um fundo para o apetrechamento de laboratórios e até boas notícias para as comunidades que sofrem com a seca: "socorro vai a caminho"...

Tanta boa notícia, durante tanto tempo – em permanente contraste com a percepção generalizada de um deteriorar profundo das condições de vida do país – vai correndo a credibilidade dos órgãos públicos. Esse contraste entre as coisas boas de que falam e as más que vemos e sentimos, e outros factores como a atribuição de importância noticiosa de acordo com motivações políticas e que é perceptível, por um lado, pelo encadeamento dado às peças (reportagens ou notícias), e por outro, pelo tempo que é dedicado a cada peça, contribuem para essa corrosão.

Nesse noticiário, enquanto um encontro sobre coligações em que falava o líder da Casa-CE, (a Oposição com a qual o poder aceita conviver), teve direito a um minuto e 24 segundos de tempo de antena, a notícia que, de facto, marcava a actualidade, o pedido de demissão do Presidente do Tribunal Constitucional, um órgão de soberania, teve 19 segundos de tempo de antena... É verdade que a notícia foi de abertura e que era fresca, portanto, poderia não ter havido muito tempo para uma reportagem em condições com todas as explicações que uma demissão do topo de um órgão de soberania exige. Mas não houve, sequer, uma explicação básica (nem simulação de que se queria saber a explicação, apesar de o SR. se ter demarcado da revisão constitucional que classificou como "suicídio do Estado democrático de direito". Não houve contextualização da notícia, nem um simples entrou na data x ou estava lá há x tempo – nada –, só um seco "apresentou a demissão que foi aceite pelo Presidente da República... Em qualquer país normal, uma demissão desta ordem daria azo a directos de todos os lados, a comentários de varia ordem e com diferentes perspectivas e leituras. Aqui, um órgão de soberania é mencionado como que a fugir de um assunto



É preciso fazer diferente para termos, a nível social, resultados diferentes para encerrarmos os ciclos de vinganças e podermos olhar para frente, avançar para frente em vez de continuarmos mergulhados na mesquinha que temos visto.

desconfortável à espera que exista uma posição mediática aprovada pelo poder que manda na pauta.

Mas, querido leitor, vou repetir – os profissionais dos órgãos públicos, a jornalista que dava a cara pela produção – não são culpados pelo que enferma os nossos media públicos e os tornam num instrumento de propaganda de 'notícias felizes' que, depois de tantos anos e de cada vez mais miséria, vão irritando cada vez mais gente. Os jornalistas não são os responsáveis. Também esses profissionais, no início do mandato que prometia liberdade de imprensa, que prometia acabar com a bajulação – apesar de andar hoje a debater as dimensões do perdão presidencial – acreditaram piamente e fizeram um

jornalismo bem mais capaz, mais fiscalizador, mais independente e mais condizente com a democracia que dizemos ser e querer. Isto antes de as 'ordens superiores' lhes voltarem a cortar as asas. E lembro isto várias vezes aqui, porque vejo online, e voltei a ver esta semana, demasiados sinais de animosidade mal dirigida a esses profissionais dos media públicos que são a cara que se associa a tudo o que vai mal com os órgãos de comunicação pagos pelo Estado.

Li esta semana um post que dizia que uma equipa dos media públicos um câmara e um jornalista foram insultados e quase ameaçados num Comício da Oposição. Este assunto, para além de ser preocupação, porque pessoalmente tenho funções num órgão internacional de protecção aos jornalistas, o Comité to Protect Journalists, que vai estender essa protecção na medida do possível sempre sem qualquer discriminação entre jornalistas dos media públicos ou privados, mas este é um assunto preocupante porque a Oposição que quer ser governo continua a não fazer um trabalho bom o suficiente a educar as suas próprias fileiras para a assumpção de um discurso mais de Estado e mais de futuro, sem foco nas mesmas vinganças abjectas a que temos estado a assistir com o partido no poder. Mudar para ter mais do mesmo só mudando as moscas não difere da mudança que se registou nos últimos quatro anos.

Aquela atitude de "quando for a nossa vez é que vão ver", ou como li num dos comentários a um jornalista dos media públicos, que dizia mais ou menos "quando a Unita for poder é melhor imigrar", não faz nada pelo aumento da simpatia e da confiança do eleitorado que a Oposição quer assegurar. É preciso fazer diferente para termos, a nível social, resultados diferentes e para encerrarmos os ciclos de vinganças e podermos olhar para frente e avançar para frente em vez de continuarmos mergulhados na mesquinha e pequenez que temos visto que não leva a lugar nenhum.

Adalberto Costa Júnior esteve na Essencial e foi impressionante

como, em menos de nada, só no Facebook, a transmissão se espalhou como um rastilho com vários milhares de pessoas a assistir em directo e à gravação em mais uma confirmação da popularidade que o líder tem e que já se tinha visto com a entrevista que deu à RTP África – outra vergonha grande para os nossos media públicos que continuam a ter de fingir que ele não existe só porque o MPLA insiste em escolher o opositor com que vai concorrer e se arroga no direito de decidir quem está e quem não está por um fio até no partido dos outros... Só mesmo o partido no poder para querer 'exonerar' até no partido alheio. Os comunicados do partido cada vez mais vão dando tiros nos pés, nas patas, nos cascos, nos chipes (sabe-se lá que tipo de bicho serve de inspiração) de quem os escreve, aprova e dissemina, é impressionante que o partido no poder assuma assim o controlo que tem e quer manter sobre os outros órgãos de soberania e de justiça, é que já nem parece ser preciso disfarçar...

Mas voltando à Oposição, pergunto-me se, com toda a capacidade de retórica que tem, com a capacidade que tem de inspirar os seus seguidores, será que Adalberto Costa Júnior será capaz de passar essa mensagem anti-vinganças entre os seus? Uma mensagem verdadeira de união e de recomeço? O líder da Unita foi claro em dizer que vai integrar membros do MPLA e afins, mas será que já conseguiu tornar essa mensagem de recomeço sem bandeiras partidárias suficientemente aceite?

Os profissionais dos media públicos, como qualquer um de nós eleitores, precisam de segurança da parte da Oposição que se propõe ser poder, de que o seu futuro não vai pelo ralo se o partido no poder for. E agora pergunto eu, estará a Oposição preparada para oferecer essa segurança? E claro, não só aos jornalistas, mas a todos? A funcionários do Estado, a técnicos a integrantes do sistema. Uma garantia de que o partidário acima de Estado e meritocracia têm os dias contados? É que é disso que o país precisa. Não basta surfar a onda do cansaço generalizado com o quase meio século ininterrupto de MPLA. Um recomeço que ponha o País, definitivamente, à frente e acima de partido deve ser o objectivo, será a Oposição capaz? E de demonstrar claramente que é capaz?



Jornal Valor Económico

Visite o site www.valoreconomico.co.ao

Regista-te

Sobre [Ver tudo](#)

11 343 pessoas gostam disto, incluindo 71 dos teus amigos

11 800 pessoas seguem isto

<http://www.valoreconomico.co.ao/>

936272323

Enviar mensagem

Empresa de comunicação e notícias

Fotos [Ver tudo](#)

Para receber o VALOR todas as semanas, basta enviar o seu e-mail para 941784791 / 2

Contribua para manter o jornalismo de qualidade.

GEM Angola Global Media, Lda

Iban:
0051 0000 7172
9933 1512 7



Francisco Lopes dos Santos,
engenheiro hidráulico

O projecto Rio Luanda continua a ser debatido na página do Facebook do Valor Económico pelos internautas que comentam desta feita a entrevista da edição 270 a Francisco dos Santos, engenheiro e mentor do projecto que alcançou mais de 35 mil leitores e registou mais de 5 mil interações

Os comentários são selecionados segundo critérios que visam reflectir a diversidade e qualidade de opiniões sobre os temas do Valor Económico.

Gralhas e discussões personalizadas são editadas para publicação.

Leia na íntegra em www.valoreconomico.co.ao

Facebook/Comentários



Jose Jardim

O Sr. É um cidadão honesto e sabe o que está a falar... possivelmente não pertence a nenhum partido político e vê a nossa capital numa desgraça total a nível administrativo, quer dar o seu contributo na área que domina e não deixam...



Domingos Conceição Teta Dembo

Jose Jardim ,uh! O senhor puro do Mpla, conheci-o nos anos 80 trabalhando na Angop e beneficiou numa bolsa na Rússia (Ukrania), estudou engenharia de águas lá se o não o catapultaram pode ter não tido papoite na cozinha do sistema tem vindo a falar n-vezes sobre saneamento em Luanda



Jose Jardim

Carlos Encarnação Mais admirável ainda é a postura do homem, o M. Esquece que as pessoas mudaram as suas consciências. Já não estamos para tretas... Angola tem que estar em primeiro lugar!



Horacio Junior

Carlos Encarnação e Jose Jardim

O homem é do MPLA. Mas só por ser do partido no poder é suficiente para se arrancar com um projecto dessa magnitude sem mais estudos e discussões? Há dinheiro para o projecto arrancar? Custos do projecto: 1000 milhões de dólares. Vão ser desalojadas 8 mil residências. Isso é feito num ápice? Ele diz na entrevista e li na totalidade que os contactos continuam e que estão a ser recebidos por várias entidades. É normal que não encontre unanimidade entre os engenheiros, mas a discussão continua. O projecto dessa magnitude deve ser discutido até a exaustão. Haverá outras soluções? Custo e benefícios? Tudo tem que ser discutido.



Manuel Ferreira

O governo angolano gastou dinheiro em bolsas de estudo como foi o caso deste senhor que foi estudar para Cuba e hoje não ser valorizado?



Domingos Conceição Teta Dembo

Ele aconselha a criação do rio Luanda como solução de saneamento ou desassoreamento das águas fluviais e esgotos públicos não é novidade até porque a câmara municipal de Luanda na era colonial teria esboçado o rio seco nesses moldes. A vdd é que a cidade cresceu desordenadamente sem critérios de ordenamento urbano consolidado e linhas de águas cientificamente gizadas, identificadas ao longo das construções e redimensionadas num plano directório previamente estabelecido e de seguimento continuado para todas construções de infraestruturas e associados presentes, actuais e futuras. Culpa da governação de improvisos do regime, custava tanto no passado terem recorrido aos portugueses que administraram Luanda nos anos 70? Teriam negociado a devolução do roteiro básico do saneamento de Luanda.



Francisco Cabengo

Inocenciamonteiro mas também têm que ser ouvidas outras opiniões, não é o único que estou sobre a matéria! Há uma questão muito importante que as pessoas não falam e nem este senhor fala, é da topografia da cidade de Luanda que todo mundo ignora. Enquanto se ignorar a topografia de Luanda, não tem como, nem mesmo esse dito rio vai resolver o problema.



Francisco Lopes Dos Santos

Francisco Cabengo Com todo o respeito, topografia para ti o que é? Aonde você viu que falar de saneamento e ignorar a topografia? Conheces a altimetria de Luanda? Conheces o tipo de relevo que predomina Luanda? Conheces as bacias hidrográficas de Luanda para onde se devem direccionar as águas para evitar inundações em determinados pontos? Como podes fazer circular líquidos ou efluentes por gravidade sem contar com a topografia ou declividade do terreno? Assim você está pensando que somos todos curiosos? Não! Sabemos do que falamos porque fazemos todos os dias em vários campos tanto em salas de aulas como no terreno com máquinas e homens. Antes de confundir com pareceres debes buscar o perfil das pessoas em causa para te inteirares melhor das suas capacidades e potencialidades e experiências, assim teu contributo será construtivo. Obrigado!



Francisco Lopes Dos Santos

Francisco Cabengo, consulta o perfil da pessoa em causa e aí saberás se é um aprendiz ou um perito. Quando se chega a uma questão como esta, já muitos estudos como demografica, cartografia, geodésia, hidrogeologia, topografia, e outras já foram estudadas como referência. O facto do IGCA estar inoperante há mais de duas décadas, não nos torna desentendidos de conhecimentos de altimetrias. Eu não tenho que lhe provar nada. Quero apenas lhe salientar que todo o hidráulico sanitário é um topógrafo de essência e Luanda para mim não precisa de mapa nenhum para me mostrar aonde é montante da jusante em cada bacia hidrográfica. Lhe aconselho a pesquisar conteúdos sobre hidrologia, hidrografia para associar a projetos de drenagem superficial e subterrânea.

Covid-19



EM FRANÇA

Protestos contra “ditadura” do certificado

Dezenas de milhares de franceses protestaram durante semanas, em várias cidades, contra as restrições impostas para conter a pandemia, sobretudo, contra a “ditadura” do certificado de saúde.

“É uma espécie de ditadura”, reclamaram vários manifestantes em cidades como Paris, Marselha, Lyon Nantes ou Montpellier. O certificado de saúde consiste num código, emitido pelas autoridades, que garante a entrada em hospitais, cinemas, museus, comboios e alguns espaços públicos.

Este documento é atribuído quando uma pessoa completou a vacinação contra a covid-19, apre-

sentando um teste de antígeno ou PCR negativo com 72 horas de validade ou já está curada da doença.

“Estou a lutar contra esta ditadura em que a França, o país das liberdades, se tornou”, afirmou um dos líderes dos protestos que partiu da Praça da Bolsa (Paris), Carlo Alberto Bursa.

Além deste, verificaram-se mais duas manifestações só na capital francesa – uma promovida pelo partido de extrema-direita ‘Os Patriotas’ e outra pelo movimento ‘Coletes Amarelos’.

Nos protestos, que, até ao momento, não tiveram incidentes, registaram-se palavras de ordem

contra a política do presidente Emmanuel Macron.

As galerias Lafayette, Printemps, BHV, Le Bom Marche e la Samaritaine foram alguns dos espaços abrangidos pela introdução do certificado sanitário como medida de controlo, a partir desta segunda-feira.

Os centros comerciais parisienses Italie 2, Centre Beaugrenelle e Vill’up bem como o centro comercial Aéroville, perto do aeroporto Roissy-Charles-de-Gaulle, vão também recorrer a esta medida.

O documento terá ainda de ser apresentado nos três aeroportos de Paris – Roissy, Orly e Le Bourget.

GUINÉ-BISSAU

PR apela para a adesão à vacina

O presidente da Guiné-Bissau, Umaro Sissoco Embaló, apelou aos guineenses para se vacinarem contra a covid-19.

“Eu já tomei as duas doses da vacina. Da mesma forma, exorto as famílias guineenses para se vacinarem ou completarem a dose da vacina”, afirmou o chefe de Estado, numa mensagem divulgada à comunicação social.

Na mensagem, Embaló salienta que a pandemia já tirou a vida a dezenas de pessoas na Guiné-Bissau e que a vacinação evita mais hospitalizações e o aumento do número de vítimas mortais. “Vacine-se e cumpra com as três medidas básicas de protecção: usar máscara, lavar sempre as mãos com água e sabão e manter o dis-

tanciamento das outras pessoas. Com a vacina, a máscara, as mãos limpas e respeitando a distância venceremos esta luta”, salientou o presidente guineense.

A Guiné-Bissau, com cerca de dois milhões de habitantes, está a viver a terceira vaga da pandemia, que está a ser caracterizada por mais infecções, mais internamentos e maior número de vítimas mortais.

Os últimos dados indicam que o país já registou um total acumulado de quase cinco mil casos e 84 vítimas mortais, o que levou o governo a decretar, na quinta-feira passada, uma série de restrições e proibições para tentar conter novas infecções entre a população.



PREVENÇÃO

Irão encerra actividades



As autoridades iranianas ordenaram o encerramento de toda a actividade económica não essencial durante seis dias (a partir de 16 deste mês) em todo o país, para tentar conter o aumento de infecções e mortes por covid-19, que dispararam nas últimas semanas. O vice-ministro da Saúde Alireza Raisi disse que, a partir hoje e até ao final do dia de trabalho de sábado, 21 de Agosto, todos os servi-

ços, incluindo os bancos, devem ser encerrados, excepto os que disponibilizam bens essenciais, como electricidade, água, serviços de emergência e polícia, entre outros, informou a agência iraniana de notícias ISNA.

Neste período, será proibida a circulação de automóveis nas estradas inter-provinciais, com excepção para transportes como ambulâncias e camiões de alimentos, disse Alireza Raisi.

EM APENAS 20 DIAS da aplicação da lei que permite recusar a vacina, 2.031 pessoas já assinaram o termo de recusa na cidade brasileira de São Paulo até esta segunda-feira (16). Caso decidam recuar, estas pessoas só serão vacinadas depois de todos os grupos previamente estabelecidos.



POPULAÇÃO NA CHINA

Mais de metade com vacinação completa

Mais da metade da população da China já recebeu as doses necessárias de vacina contra a covid-19, de acordo com os dados oficiais.

Segundo a imprensa oficial do país, o porta-voz da Comissão Nacional de Saúde, Mi Feng, disse que mais de 777 milhões de pessoas já estão “totalmente vacinadas” contra a doença.

Até à data, a proporção de vacinados que receberam a inoculação completa era uma dúvida que persistia sobre a campanha de vacinação da China, uma vez que a comissão só revelava o número total de doses distribuídas em todo o país.

A comissão estimou que, no total, tenham sido distribuídas, até quinta-feira, cerca de 1.830 milhões de doses contra o vírus.

A China é o país mais populoso do mundo, com cerca de 1,4 mil milhões de habitantes.

O país aprovou apenas o uso emergencial de vacinas desenvolvidas por farmacêuticas domésticas, sobretudo da estatal Sinopharm e da privada Sinovac.

A maioria das vacinas aprovadas até à data no país asiático exige duas doses, mas também há uma que utiliza dose única e outra dividida em três injeções.

Ao contrário de outros países, a China não confiou na vacinação como principal arma contra a pandemia, permanecendo praticamente isolada do resto do mundo com o encerramento quase total das fronteiras e restritas medidas de confinamento face a qualquer surto.

Nas últimas semanas, um surto causado pela variante delta da doença espalhou-se por várias cidades, somando centenas de casos.

DE 50 PRETENDIDOS

Luanda com mais cinco novos postos de vacinação

A ministra da Saúde anunciou a intensificação, ainda este mês, da campanha de vacinação contra a covid-19, em todos os municípios de Luanda, com a abertura de mais cinco postos de alto rendimento.

Segundo Sílvia Lutucuta, a campanha maciça visa proporcionar condições para a abertura da cerca sanitária de Luanda, imposta desde o início da pandemia, em Março de 2020, sendo necessário para o efeito aumentar a capacidade de vacinação em Luanda.

A dirigente garantiu que o Ministério da Saúde conta com doses suficientes da Johnson & Johnson, que devem ser usadas imediatamente, por ter um tempo muito curto de validade.

A titular da pasta da Saúde disse que pelo menos 50 novos postos de vacinação deverão ser criados em Luanda, para se ir aumentando à medida da procura.

Actualmente, a capital conta com quatro postos de vacinação de alto rendimento, nomeadamente Paz Flor, Mutu Ya Kevela, Cidadela Desportiva e Casa da Juventude de Viana.

De acordo com dados disponibilizados pelas autoridades sanitárias Angola vacinou até à data, desde 02 de março deste ano, 1,7 milhões pessoas, das quais 975.252 com a primeira dose e 724.898 com a segunda.

Depois de um interregno na recepção de vacinas, o país recebeu, no último domingo, 165.600 doses de vacinas da farmacêutica Janssen, do grupo Johnson & Johnson, de dose única e uma eficácia acima de 90%, adquiridas pelo Governo, através de uma plataforma da União Africana.



CONTRA MEDIDAS PARA TRAVAR A PANDEMIA

Milhares de viaturas nas avenidas de Bangucoque em protesto

Milhares de carros e motocicletas cruzaram, desde o início da tarde de domingo, as principais avenidas de Bangucoque, capital da Tailândia, para protestar contra as medidas do governo do primeiro-ministro Prayut Chan-ocha para enfrentar a pandemia.

Segundo a agência espanhola Efe, veículos circulam pelas ruas da cidade buzinando durante uma manifestação que visava chegar à casa do governante, localizada numa base militar na zona norte da capital.

Embora o movimento anti-governamental seja liderado principalmente por grupos de jovens universitários que exigem a renúncia imediata do primeiro-ministro, outras plataformas diferentes ligadas à oposição política juntaram-se ao protesto.

Entre eles, os conhecidos como “camisas vermelhas” e seguidores do ex-primeiro-ministro no exílio Thaksin Shinawatra, figura política que até há alguns meses agre-

gava simpatia e animosidade em partes similares, mas que com os protestos têm conseguido reabilitar a sua imagem. A Tailândia preveniu com sucesso a propagação do vírus durante o primeiro ano da pandemia, mas, desde Abril, a situação começou a deteriorar-se após um surto de covid-19 detectado em vários estabelecimentos nocturnos em Bangucoque.

O país acumula 907.157 casos confirmados, dos quais mais de 95% foram detectados desde Abril, e 7.551 óbitos, quase 99% nesta vaga.

Soma-se a esse agravar da situação de saúde a desorganizada campanha de vacinação contra o vírus, com inúmeras mensagens oficiais contraditórias e erros de comunicação do executivo.

A economia tailandesa, onde o turismo é um dos pilares, foi duramente atingida pelo encerramento das fronteiras, enquanto o governo se manteve impassível diante de pedidos de ajuda económica para os sectores mais afectados.

Marcas & Estilos



Decorações clássicas

Love Ally traz a forma clássica de escultura numa peça funcional para a sua casa. Venus De Milo é uma vela feita para uso decorativo, no entanto, se decidir usá-la, recomenda-se fortemente que coloque um prato à prova de calor sob este produto para ajudar a controlar o excesso de gotejamento de cera.



Tudo à mão

Nomeada pela revista Marie Claire como a única Fanny Pack e que não encontrará em nenhum outro lugar, a Heli Crosspack é feita para quem quer levar pouca bagagem, mas, ainda assim, manter tudo à mão com fácil acesso. Esta bolsa versátil pode acomodar todas as suas necessidades.



AUTOMÓVEL

Sem tempo a perder

A marca eléctrica de Elon Musk orgulhosamente proclama o próximo modelo Roadster o 'carro mais rápido do mundo', com uma velocidade máxima de 250 mph + e uma excepcional autonomia de bateria de 200 kWh de 621 milhas. O 2 + 2 também afirma ter um tempo de 0-60 mph de apenas 1,9 segundos e já pode ser reservado online. No entanto, há relatos de que o carro pode agora ser adiado até 2022.

As principais características incluem um tecto de vidro removível leve, tracção nas quatro rodas e um estilo que se assemelha ao protótipo Musk revelado em Novembro de 2017. O modelo Tesla Roadster original foi lançado em 2008 e baseado no Lotus Elise.

AGENDA

LUANDA

DE 27 A 29 DE AGOSTO

Administração de Cangandala e a C.calas Angola realizam a 1.ª edição da Feira Expo Cangandala, sob o lema 'Cangandala terra da palanca negra, um lugar de diversificação da economia nacional', em Malanje. Contactos: 943 244 057 / 934 266 734.

28 DE AGOSTO

Espectáculo 'Uma noite de lua cheia', no Centro Cultural Brasil - Angola (CCBA), às 16h00. Poesia e performance vão ser protagonizadas pelo artista Astronauta. Bilhetes a 2.000 kwanzas. Mais informações no Facebook Art Sem Letra.

DE 1 A 8 DE OUTUBRO

Lançamento do livro '18 Segredos Para Uma Vida de Superação e Sucesso', de autoria de Vieira Paulo, de auto-ajuda, reflexão, construção de personalidade e educação.

LIVROS



COM A REVOLUÇÃO DIGITAL, vieram os prognósticos apocalípticos de que todos os suportes físicos seriam destruídos pelos correspondentes digitais. Mas, contra todas as avaliações iniciais, as câmaras nos telefones, os serviços de vídeo e de música por streaming.



GANHADOR DO MAN Booker Prize e um dos principais nomes da literatura britânica, Julian Barnes transita entre o romance, o conto e o ensaio com destreza e naturalidade. Em Mantendo um olho aberto, o ficcionista dá lugar ao intelectual.



LAZER

Um ar de graça

Localizada a apenas 15 minutos do Aeroporto Internacional de Providenciales, esta extensa propriedade de cinco acres foi projectada como um santuário para famílias numerosas, com muito para entreter crianças e adultos.

Situada à beira-mar da idílica Grace Bay, em Grace Bay, nas Ilhas Turcas e Caicos, a villa foi construída em torno de uma impressionante sala grande cheia de luz, com salas de jantar e de estar, e terminou com portas enormes para aproveitar ao máximo as incríveis vistas do mar da propriedade.

Os oito quartos da villa também estão espalhados por vários edifícios individuais, oferecendo grande flexibilidade para grupos grandes.

DESDE O ÚLTIMO REGISTO EM 1880

Julho de 2021 foi o mais quente do mundo

CLIMA. Agência americana admite que o Julho mais quente superou, com um aumento de 1,40°C, o recorde anterior, de 2020. Sete meses de Julho mais quentes ocorreram desde 2015.

O mês passado foi o Julho mais quente no mundo desde que a agência norte-americana NOAA, especialista no estudo do clima, tem registos da temperatura global, que remontam a 1880.

Segundo a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA, na sigla em inglês), que divulgou recentemente o relatório de Julho, os sete meses de 2021 foram os sextos mais quentes.

Em comunicado, a NOAA assinala que “é muito provável” que 2021 fique entre os 10 anos mais quentes desde que há registos.

Em Julho, a temperatura global à superfície (solo e oceanos) esteve 0,93°C acima da média de 15,8°C observada no século XX, ultrapassando em 0,01°C o anterior recorde para o mês, registado em 2016. Os sete meses de Julho mais quentes ocorreram desde 2015.

Considerando apenas a temperatura global à superfície

MEMORIZE

- **Por regiões,** a Ásia teve, em 2021, o Julho mais quente, ultrapassando o recorde de 2010. A Europa teve este ano o segundo mês de Julho mais quente, depois de Julho de 2018.

do solo, a NOAA realça que o mês passado superou, com um aumento de 1,40°C, o recorde anterior, de 2020, que tinha registado uma subida de 0,17°C.

Por regiões, a Ásia teve, em 2021, o Julho mais quente, ultrapassando o recorde de 2010. A Europa teve este ano o segundo mês de Julho mais quente, depois de Julho de 2018.

De acordo com a NOAA, a ocorrência de ciclones tropicais foi entre Janeiro e Julho “acima do normal”.

Quanto à extensão de gelos nos oceanos das regiões polares, a do Ártico foi em 2021 a quarta menor para o mês de Julho, depois de 2012, 2019 e 2020. Na Antárctida, esteve acima da média de 1981 a 2010.



QUEIMADAS ANÁRQUICAS NO HUAMBO

Mais de 10 mil hectares de vegetação destruídos

As queimadas anárquicas no Huambo destruíram pelo menos dez mil hectares de vegetação, incluindo de florestas, nos últimos dois anos.

De acordo com o director de Estudos, Informação e Análise da delegação local do Ministério do Interior, Paulo Chindele Cassinda, a lesão ao ambiente resulta de 100 casos de fogo posto em várias zonas da província, por desconhecidos.

O responsável avançou, em declarações à Angop, que foram já abertos 12 inquéritos para se apurarem os autores destas práticas e, posteriormente, responsabilizar civil e criminalmente, para desencorajar tais acções nas comunidades.

Entre os danos maiores, o responsável desta-

cou a destruição, este ano, de mil hectares de vegetação diversa na comuna do Chiumbo, município de Cachiungo, e outros 18 hectares de florestas no perímetro do Cuima, na Caála, com elevados prejuízos na produção do mel.

As queimadas causaram ainda, segundo Paulo Cassinda, a destruição de oito hectares de produção de cana-de-açúcar, bananeira, laranjeiras e outras culturas, numa fazenda implantada no município da Chicala-Cholohanga.

O director de Estudos, Informação e Análise da Delegação do Ministério do Interior lembrou que a lesão ao ambiente gera danos incalculáveis à saúde pública, devido ao efeito de estufa, além das perdas económicas, extinção de espécies animais e vegetais e o empobrecimento dos solos.



Educação & Tecnologia

Divulgação dos resultados de negócios do 1.º semestre de 2021

PUBLICIDADE. Na senda da divulgação dos resultados de negócios do 1.º semestre de 2021 da Huawei, a gigante chinesa responde as perguntas mais frequentes da imprensa mundial.



Esta é a maior queda de receita na história da Huawei? Por que é que a sua receita

caiu tanto?

A: A queda da receita no primeiro semestre de 2021 foi em grande parte devido ao nosso negócio de consumo. Para ser franco, a decisão injustificada dos EUA de sancionar três vezes a Huawei afetou diretamente os nossos negócios de consumo, em especial o nosso segmento de smartphones. A venda da marca Honor foi outro dos motivos para que a nossa receita fosse mais reduzida no primeiro semestre.

Qual é a sua previsão de receita anual? Tem a certeza de que pode atingir a sua meta de receita anual?

A: O mundo como um todo enfrentará muitas incertezas nos próximos meses do corrente ano. O nosso sector também passará por essa incerteza. Em resposta, construímos um mecanismo para a gestão de continuidade de negócios global e um sistema veloz de gestão de operações. Estamos seguros de que poderemos cumprir com a nossa meta anual de negócios.

Prevê que a sua receita continue a baixar nos próximos dois a três

anos? Tem algum plano de dispensa? Reduzirá os seus negócios fora da China ou venderá ainda mais?

A: É impossível fazer previsões de receitas a tão longo prazo devido à volatilidade inerente ao ambiente macro. O que faremos, porém, é concentrarmo-nos no que fazemos melhor, para continuamente criar valor para os nossos clientes e sociedade.

A Huawei sempre almejou operações globais, bem como forneceu continuamente os melhores serviços possíveis aos mercados e clientes que a escolheram.

Os nossos planos de recursos humanos foram sempre orientados pelas nossas necessidades de negócios e estamos comprometidos em investir em P&D. Em cada um dos últimos três anos, investimos consistentemente quase 15% da nossa receita anual em P&D. Avançando, continuaremos a investir ainda mais seriamente em P&D.

Não haverá grandes mudanças no nosso misto de talentos em P&D. Podemos aumentar o investimento em campos específicos de P&D para atender às necessidades de negócios. Damos as boas-vindas a qualquer pessoa interessada nesses campos, para que se junte a nós.

O seu negócio empresarial foi o único segmento que apresentou crescimento no primeiro semes-

tre. Quais são as razões do seu crescimento? Qual é a sua previsão anual? Ele substituirá outros segmentos para se tornar a sua principal fonte de receita?

A: Estamos confiantes de que os nossos negócios empresariais atingirão as suas metas anuais. Esperamos que cresçam de forma constante e continuem a ser o motor de crescimento mais promissor para a Huawei em 2021. No primeiro semestre de 2021, os nossos negócios alcançaram um crescimento maior fora da China do que dentro, por dois motivos.

Primeiro, a digitalização está a ganhar um ritmo acelerado em todo o mundo, com as indústrias a investir cada vez mais nas suas próprias transformações digitais. Este é um grande mercado para a Huawei.

Em segundo lugar, os nossos produtos e soluções são exclusivamente adequados para atender às necessidades dos clientes industriais. O nosso HUAWEI CLOUD, redes IP

inteligentes, Rede OptiX inteligente, computação, data centers, armazenamento de dados, produtos e soluções 5GtoB criam um grande valor para estes e trabalhamos em estreita colaboração com uma ampla gama de parceiros para desenvolver soluções baseadas em cenários que combinam as nossas tecnologias TIC e cenários da indústria. Para este fim, continuamos a concentrar-nos nas principais indústrias e investimentos em cidades inteligentes, finanças, transporte, energia, manufatura e educação.

Porque é que a receita anual da sua operadora diminuiu em 2021 no primeiro semestre? Qual é a sua previsão anual para este negócio?

A: Estamos confiantes de que o nosso negócio alcançará um crescimento moderado, mas sólido, até o final de 2021. No primeiro semestre, o nosso negócio de operadoras fora da China cresceu de forma constante, enquanto

na China fomos afetados por atrasos na implementação da rede 5G. Este negócio continuará a crescer de forma constante nos próximos seis meses, graças aos projectos 5G da China Mobile e China Broadcasting Network, bem como pelo lançamento da rede 5G da China Telecom e China Unicom.

Porque é que a sua receita de negócios de consumo diminuiu em aproximadamente 50% no primeiro semestre? Como planeia compensar o impacto do declínio nas vendas de telefones no segundo semestre?

A: A receita anual do nosso negócio de consumo no primeiro semestre caiu devido à venda do negócio Honor no final de 2020. Os desafios da cadeia de suprimentos da Huawei são bem conhecidos. É também por isso que a nossa receita de telefonia móvel diminuiu.

No entanto, no primeiro semestre deste ano, permanecemos comprometidos com a nossa estratégia Seamless AI Life e alcançamos um crescimento forte e rápido em cinco cenários: escritório inteligente, condicionamento físico e saúde, casa inteligente, viagens fáceis e entretenimento.

Desde o lançamento do HarmonyOS 2 no primeiro semestre, mais de 50 milhões de usuários aderiram ao Harmony. O HarmonyOS 2 permite que os consumidores tenham acesso a poderosos "superdispositivos" através de todos os dispositivos e cenários. O nosso OS tem o que é necessário para oferecer experiências inteligentes em todos os cenários.

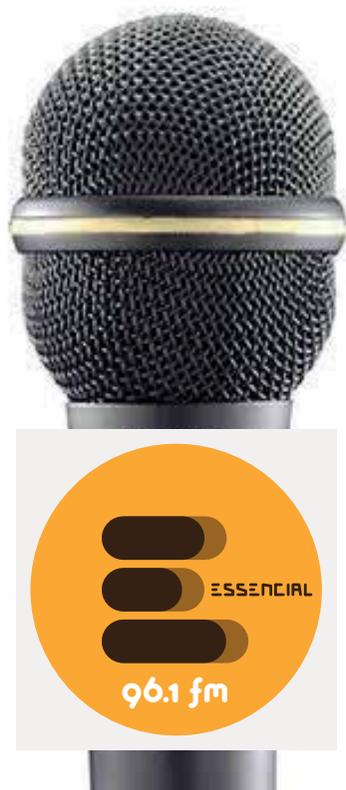
A indústria como um todo está a depositar a sua atenção nas enormes oportunidades de negócios e no valor que a IoT está a criar. Futuramente, tencionamos continuar a trabalhar com parceiros da indústria em todo o mundo para desenvolver aplicativos inovadores dessas tecnologias essenciais e, desenvolver ainda mais o nosso ecossistema de aplicativos. É deste modo que iremos fornecer experiências inteligentes de ainda maior qualidade aos nossos clientes em todos os cenários e, criar maior valor para os mesmos e para a indústria em geral. Estamos confiantes de que a Huawei continuará a sobreviver e a prosperar.

Os lucros da venda da Honor estão incluídos nos lucros do primeiro semestre?

A: Os lucros da venda da Honor não foram incluídos nos nossos resultados de negócios no primeiro semestre.

O QUE É
ESSENCIAL
NOS DIAS
DE HOJE?

96.1 fm



NÚMEROS DA SEMANA

2,1

Bilhões Kz receitas arrecadadas no 1º trimestre do ano pelo Estado Angolano, representando uma execução de 15% face ao valor total do OGE e uma redução de 19% face ao mesmo período de 2020.

4

Milhões de dólares Investimento anual do INE para a realização do Inquérito ao Emprego em Angola (IEA).

32,7

Mil milhões de kwanzas Investimento do BNA na construção do centro logístico para armazenamento, tratamento e distribuição de numerário, adjudicada à construtora Omatapalo.

165.600

Vacinas contra covid-19, da farmacêutica Janssen, foram adquiridas pelo Governo através de uma plataforma da União Africana.



ASSINADO MEMORANDO DE ENTENDIMENTO

AIPEX dá luz verde aos investidores da Singapura

A gência de Investimento Privado e Promoção das Exportações (Aipex) e a empresa asiática Singapore Cooperation Enterprise (SCE) rubricaram um memorando de entendimento, no âmbito da atracção de investimentos privados e do reforço da cooperação entre Angola e Singapura.

Durante a cerimónia, realizada em formato virtual, o presidente do conselho de administração da Aipex, António Henriques da Silva, deu a conhecer ao seu homólogo Kong Wy Mun, director executivo da SCE, o programa de privatizações em curso no em Angola, sobretudo, de alguns activos do Estado em diversos sectores da economia, com realce para a banca, seguros, indústria, comércio e telecomunicações. “O objectivo é transformar a economia através da diversificação da sua base produtiva, assente num modelo de crescimento liderado pelo sector privado”, descreveu o gestor.

Segundo o gestor da Aipex, as áreas da agricultura, a indústria, infra-estruturas, transportes e turismo constam das prioridades neste memorando de entendimento, com vista a contribuir para a diversificação da economia. “A parceria com a SCE vai permitir à Aipex encontrar caminhos mais céleres de adopção de mecanismos para a criação de um melhor ambiente de negócios”, considerou.

Em 2018, o ex-ministro do Comércio, Joffre Van-Dúnem, esteve em Singapura, onde manteve encontros com o seu homólogo, Lim Hng Kiang, e o ministro Estado dos Negócios Estrangeiros e da Defesa de Singapura, Maliki Osman. Na altura, Joffre Van-Dúnem mostrou as oportunidades de investimento em Angola, principalmente nas áreas da agricultura e indústria.

A Singapore Cooperation Enterprise tem a missão de promover e facilitar a cooperação entre o sector público e privado, e de partilhar a experiência do desenvolvimento nacional da Singapura.

CONTRATEMPOS NO PRIVIV

Vera Daves denuncia devedores nas privatizações

A ministra das Finanças, Vera Daves, admitiu hoje que há entidades que adquiriram empresas no âmbito do Programa de Privatizações que “não estão a cumprir com os pagamentos”.

A ministra salientou que, “infelizmente”, há activos que foram alienados com um cronograma de pagamentos, mas estes não têm sido cumpridos.

Vera Daves participou na ‘webinar’ sobre o ‘Impacto da reestruturação económica na definição do Orçamento Geral do Estado’, promovida pelo Ministério das Finanças em parceria com a Unicef.

Para reduzir o impacto, a ministra defendeu que pode haver situações em que “os casos serão tratados por negociação, de forma arbitral, e até envolver órgãos de justiça para que a operação seja revertida caso os pagamentos não sejam retomados”. “Fica o nosso incentivo a todos aqueles que concorram aos leilões, aos concursos públicos, para a compra de activos, que o façam com a certeza de terem capacidade de pagar por estes activos sob pena

de tirar espaço a quem tem liquidez para pagar para que eles sejam dinamizados”, reforçou.

O Programa de Privatizações arrancou em 2019 e decorre até 2022. Apesar de ter uma previsão de terminar em 2022, a ministra admite que alguns activos não possam ser concluídos no tempo previsto. Vera Daves deu, como exemplos, grandes empresas que têm ofertas públicas iniciais e citou a Endiama e a Sonangol que estão em processo de saneamento e reestruturação. “O objectivo é fazer bem o processo e sem pressa. Assegurar que a ‘due diligence’ seja bem-feita e que se avalie a qualidade de quem está a adquirir estas acções e a sua capacidade de investir e reinvestir no activo que está a adquirir.”

O Programa das Privatizações prevê reestruturar o sector empresarial público e assegurar a sustentabilidade das finanças públicas, conforme definido no Plano de Desenvolvimento Nacional. O programa prevê a venda total das empresas, a venda parcial e ainda a gestão privada.

Em 2019, foram privatizados sete activos, em 2020, 32. Este ano e em 2022, o Estado pretende privatizar as restantes 133 empresas.

